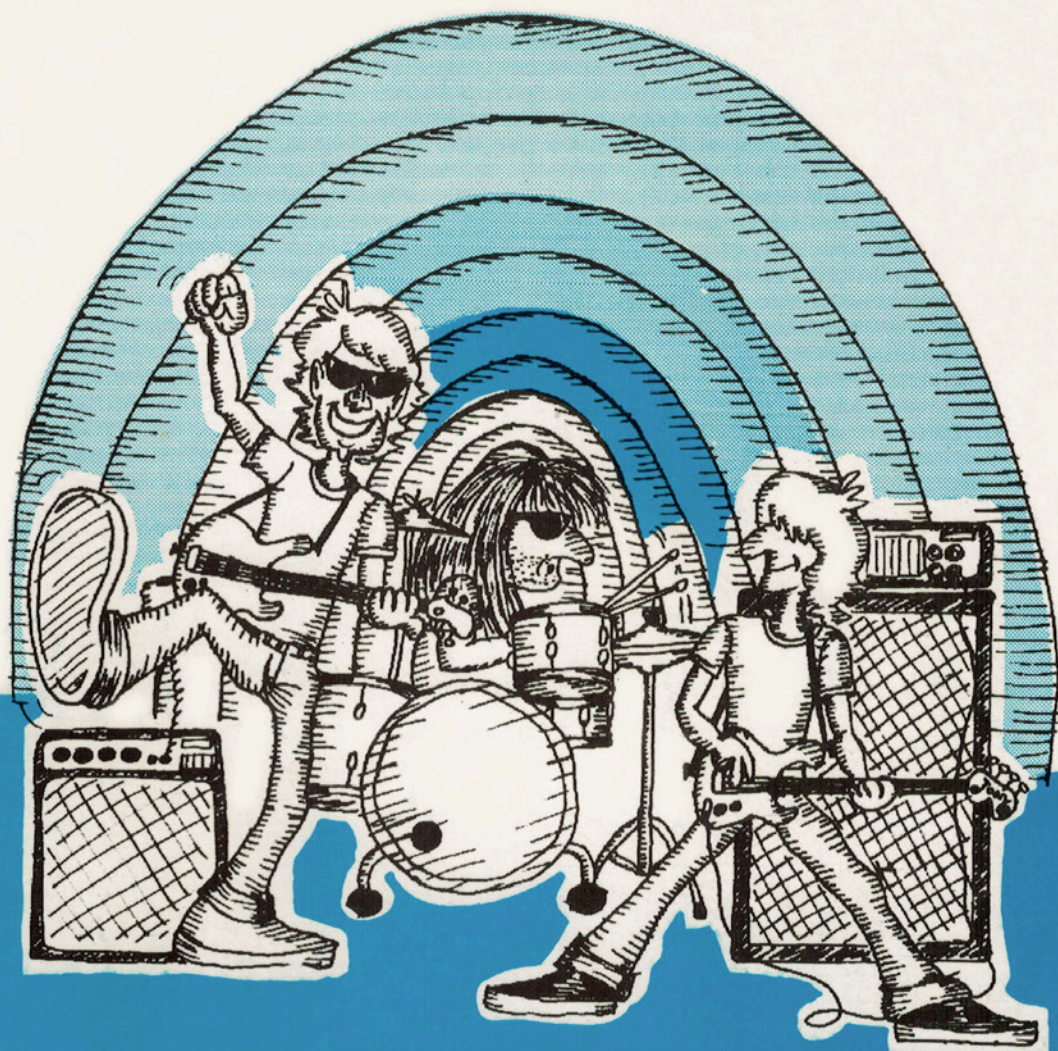


FÁBIO QUEIROZ DE MEDEIROS
ROGÉRIO MAURÍCIO NUNES

O ROCK PARAIBANO NOS ANOS 80



O ROCK PARAIBANO NOS ANOS 80

**FÁBIO QUEIROZ DE MEDEIROS
ROGÉRIO MAURÍCIO NUNES**



O ROCK PARAIBANO NOS ANOS 80

© Fábio Queiroz de Medeiros
& Rogério Maurício Nunes,
1998



MARCA DE FANTASIA

Rua Manoel de Sousa, 95/302
58045-090 João Pessoa, PB
fantasia@netwaybbs.com.br
Telefax: (083) 247.4930

Editor: Henrique Magalhães



Universidade Federal da Paraíba

Reitor: Jáder Nunes de Oliveira
Vice-Reitor: Marcos Antônio Gonçalves Brasileiro

Editores Universitários

Diretor: José David Campos Fernandes
Vice-Diretor: José Luiz da Silva

Trabalho realizado em 1995 sob a orientação do professor
Alarico Correia Neto para a disciplina Projetos Experimentais
do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba

M488r

Medeiros, Fábio Queiroz de

O rock paraibano nos anos 80/Fábio Queiroz de Medeiros, Rogério Maurício Nunes. - João Pessoa: Marca de Fantasia, Editora Universitária/UFPB, 1998.

78 p.

1. Música-história-Paraíba. 2. Rock-história-Paraíba. I. Título. II. Nunes, Rogério Maurício.

CDU: 78(813.3)(091)

Dedicamos este trabalho a todas as bandas de rock que já surgiram, que estão surgindo e que surgirão, aqui na Paraíba.

AGRADECEMOS: Aos jornais O NORTE, A União, Correio da Paraíba e Moçada que Agita. Às bandas. Aos professores Alarico Correia, Carmélio Reynaldo e Glória Rabay. Aos jornalistas Carlos Aranha, Walter Galvão, Giovanni Meireles, e Carlos Azevedo. Aos amigos Rivonaldo, Sérgio (Billy Bragg), Airton (Brother), Ana Rogéria (Bjork), Olga Costa, Everaldo Pontes - pela força e pelos toques que nos deram. Ao SESC, ADUF-PB e Óliver Discos. Às nossas famílias.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	- 09
NOS ANOS 60 E 70 O ROCK PASSOU POR AQUI	- 13
ANOS 80: INTUIÇÃO E ESPONTANEIDADE	- 21
AS BANDAS	- 27
GLOSSÁRIO	- 69
BIBLIOGRAFIA	- 75
ANEXOS	- 76

ÍNDICE DAS BANDAS

- Aberração Sonora - 29
 Adúltera - 29
Albatroz - 30
Anjos do Asfalto - 30
Antares - 32
Anti-Boys - 32
Apocalipse - 32
Atlânticos - 33
Caveira - 33
Censura Livre - 33
Central Brasil - 34
Clã de Athenas - 35
Crepúsculo - 35
Dândis - 36
Danger - 36
Delitos - 37
Desertores SS - 37
Desordem Armada - 37
Disunidos - 38
Domber - 38
Egypto - 39
Estação da Luz - 41
Fantasmas da Guerra - 41
Farpas - 42
Filhos da P... - 42
Id - 43
Impacto Social - 43
Incubus - 44
krueger - 44
Limousine 58 - 44
Máfia - 47
Marcha Fúnebre - 47
Medicine Death - 47
Mente Oculta - 48
Módulo 3 - 48
Mória - 49
Necrópolis - 50
Nephastus - 52
Nido Lobo - 53
Olhos Vermelhos - 53
Patrulha Noturna - 54
The Phefe's - 54
Prisma - 54
Protheus - 55
QI-10 - 56
Raze - 57
Restos de Subúrbio - 57
Restos Mortais - 57
Serpente - 59
Shock - 59
Sociedade Anônima - 62
Sombras Dolentes - 63
S.O.S. - 63
Társis - 64
Última Dimensão - 64
Utopia - 65
Úvulas Ardientes - 66
Washington Espínola Trio - 67

APRESENTAÇÃO



“Há algum tempo atrás, um trabalho científico, para ser reconhecido como tal, não podia trazer, em sua feitura, nada que lembrasse o gosto pessoal e a ideologia do cientista; o tempo se incumbiu de dismantelar essa falsa premissa. Nunca em data nenhuma existiu trabalho de pesquisa neutro. Todo trabalho, que se produz, traz, em sua medula, a medula de quem o produz”¹.

Não é a primeira vez que o assunto *rock* é tema de estudo na disciplina *Projetos Experimentais* no Curso de Comunicação Social da UFPB. Em 1988, dois projetos fizeram abordagens distintas sobre este assunto. Um deles foi o vídeo *O Rock está certo?*, onde os realizadores fizeram uma abordagem do *rock* enquanto uma cultura que atinge várias gerações, tendo como fio condutor o trabalho das bandas *Egypto*, de João Pessoa e *Domber*, de Campina Grande. O outro projeto foi uma análise crítica da música *Faroeste Caboclo*, da banda de *rock* brasiliense *Legião Urbana*. Em 1993 foi realizado outro projeto, na área de rádiojornalismo, enfocando a produção e a qualidade do *rock* nacional dos anos 70. Novamente, ele volta a ser o centro das atenções neste presente trabalho, que aborda, por intermédio da documentação jornalística, a produção do *rock* paraibano na década de 80.

Em linhas gerais, a nossa proposta inicial era fazer a mais completa compilação de bandas, discos e *demo-tapes*, incluindo uma relação dos músicos/instrumentistas que participaram das gravações, contar a história de cada banda através de texto e de fotografia, descrever o roteiro criado pelas bandas para fazer as apresentações e documentar as formas de comunicação utilizadas para a divulgação das idéias. Mas *“devido ao caráter de urgência e de presentidade que o Rock tem e da vitalidade que assassina a memória, torna-se tão difícil catalogar, dicionarizar e compartimentar”².*

“Ao mesmo tempo em que essa impossibilidade se exhibe, sentimos que há uma tradição a não passar impune. Onde o passado vale por manter vivo o eterno presente. Só queremos que se faça uma cultura Rock no Brasil se for assim. Não para sedimentar, mas para clarear. Uma cultura que se mova com a mesma agilidade do seu objeto”³.

Como a principal característica do *rock* é transcender para modificar a ordem estabelecida, procuramos complementar esse álbum de retalhos com uma análise crítica do objeto de estudo, contextualizando-o dentro dos acontecimentos sócio-político-cultural-econômico da época, visando mostrar a sua importância e as

Apresentação

razões da sua grande influência até para além dos limites do *rock*. Obviamente, sem a pretensão de querer esgotar o assunto.

Afinal, nos incertos anos 80, quantos outros compositores conseguiram veicular não apenas a costumeira crítica social já livre da censura, mas assuntos ainda tão incomuns como o tédio, a sensação de vazio numa ilha urbana, o medo, a insegurança na selva de pedra e a distância das centrais de informação?

Nos sentimos à vontade para tentar realizar uma grande reportagem sobre este período do *rock* paraibano, motivados pelo envolvimento pessoal que tivemos com o objeto de estudo desde o seu surgimento, efervescência e ainda como ouvintes/consumidores e incentivadores nestes anos 90.

-
1. Marcelo Dolabela. ABZ do Rock Brasileiro, pág. 15.
 2. Arnaldo Antunes. ABZ do Rock Brasileiro, pág. 13.
 3. Idem.

NOS ANOS 60 E 70 O ROCK PASSOU POR AQUI

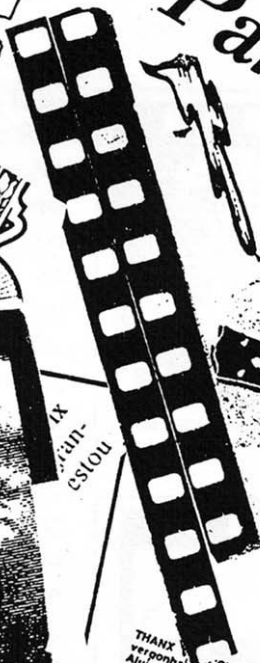


O rock na Paraíba teve bons momentos, sim. Mesmo quando misturado aos bailes-shows (casos do histórico Quatro Loucos, do The Gentlemen e dos Selenitas). Teve momentos incríveis como o dos Diplomatas, que cederam o Cine

rock'n'roll.



made in Paraíba



L. P. G. Pia. Luzi do R. Romal. Jason. Nuclea. zine. Sa (U.S.A.). zine. Li (Metal P. toda discor. Cole zine TH

Amigos e amigos de rock n' roll de Guarani de Raiva

WEATH CRUOR. Z. CROSSKILL. KO. AM. PUS. MEL primeira. CARMAN. INFAN. REAL

THANK vergonha. Juca. Aluizio "Compy". (Veit) Eca. Sia. Junior T. Du. Ser. (cachaceiro e Fucksin' E. zinha. Zé. G. "Giermator. Luc. Fábio e André. Figue. João. Paulo. Marcos. Balini. Terner. Marcelo. Mucio. Alilac. nilla. Flávia. Tarciana. Joisane. Marce. Varley. Lucas. Pheya. Moon. He. Marco. Anglio. Nicolass. Zuzão. Adrialo. Santos. Adriano. Iera. Oz. Ineridricantal. Sidnei. Pastel. Coipe. Pego.

Eu pergunto: "De uma o Carmello falou: "Ele trouxe a dos Mutantes". esse nome?" música





No final dos anos 50, a juventude paraibana, especificamente da Capital, era uma geração que não tinha nenhum tesão estético e musical pela música nordestina. A geração que estava entrando nos anos 60 tinha uma vocação mais cosmopolita e litorânea.

A juventude era muito mais gregária do que a atual, que está muito dividida em tribos, também o capitalismo ainda não era tão evoluído como hoje. A única divisão existente era entre pobres e ricos, mas os jovens mais inteligentes não aceitavam essa separação.

A cena cultural que faz com que o *rock* na Paraíba assuma uma identidade no início dos anos 60 era animada por Rita Pavone, a grande estrela do *rock* italiano, e Celly Campello, a grande estrela do *rock* brasileiro. Mais tarde, em 62/63, surgem os *Beatles*, *Rolling Stones* e a *Jovem Guarda*.

Esse contato musical, mais precisamente com o *rock*, dava-se através das rádios *Tamandaré* de Recife e *Caturité* de Campina Grande, conhecidas como as bacheirês do rádio. Ambas as rádios tinham uma programação exclusivamente musical e pertenciam aos Diários Associados.

O primeiro fenômeno cultural de massa, ligado ao *rock*, realmente aconteceu quando o Cine Rex exibiu, embora com dois anos de atraso, o filme *No Balanço das Horas*, de 1958, com Bill Haley e seus Cometas. Também com o mesmo tempo de atraso o Cine Rex exibiu os filmes *Juventude Transviada*, de 1953, com James Dean e *O Selvagem*, de 1953, com Marlon Brando, onde ambos transpiravam rebeldia por todos os poros. "Mas foi Sementes da Violência, de 1955, que expôs de modo mais didático todo o conflito entre os jovens marginalizados e o Sistema. Além de se refletirem nos personagens rebeldes do filme, os jovens descobriam na sua trilha sonora uma música que adotaram imediatamente como seu hino de guerra: *Rock around the Clock*, por Bill Haley e seus Cometas.

Este *rock* ancestral explodia como uma bomba nas salas de cinema e nas salas de estar da América, acostumadas até então a uma música soporífera e inofensiva⁴.

A partir dessas informações a geração de 60 começou a se entusiasmar e a ter um referencial do



James Dean: um símbolo e um mito



Marlon Brando, encarnando a revolta com *O Selvagem*

Nos anos 60 e 70 o rock
passou por aqui

espírito rebelde e cosmopolita que já existia dentro de cada um. Era a nossa juventude transviada.

Começaram, então a surgir os primeiros conjuntos musicais em João Pessoa sob o padrão da linguagem explosiva do *rock'n roll*. Os conjuntos de *Iê, Iê, Iê*, como eram chamados, faziam uma mistura de *rock'n roll* com a proposta de animar bailes pelos bairros da capital paraibana.

Nesses bairros, cada grupo significava uma fonte permanente de difusão do melhor rock internacional. Os ensaios eram pontos de encontro e de paquera, onde tomava-se conhecimento do que rolava de novo em matéria de música.

Os primeiros grupos surgidos em João Pessoa, foram: *Os Gatos Pretos*, no bairro da Torre; *Os Morcegos*, na rua da Areia; *Os Eles*, *Os*



Bill Haley iniciando a febre do rock'n'roll

Quatros Loucos e *Os Diplomatas*. A partir de *Os Quatros Loucos*, pode-se traçar uma linha evolutiva da música popular paraibana feita sob o impacto da linguagem do *rock*. Pelo conjunto passaram nomes como Zé Ramalho, Vital Farias, Hugo Leão, Golinha e outros músicos que tiveram no *rock* as suas primeiras influências musicais. Após o fim de *Os Quatros Loucos*, alguns integrantes seguiram em carreira solo.



A União

Os Quatro Loucos, recebendo troféus como o melhor conjunto do Norte-Nordeste, em Natal-RN.

nou-se o grupo preferido pelos jovens por ter sido o responsável pela tomada de identidade do *rock* paraibano, quando, em 1975, realizou o primeiro grande concerto de *rock* no Cine Tambaú, com um repertório que ia desde músicas próprias, passando por *Mutantes*, Carlos Aranha, Marcos Vinícius, até Steve Wonder e o *rock* progressivo do *Yes*. Esse concerto ficou conhecido como a primeira grande manifestação exclusiva de *rock*, levada à grande imprensa.

Os Diplomatas tinham uma postura de assumir o *rock* como um trabalho em condições de transcender o círculo da música de baile, ou seja, o *rock* numa perspectiva de se fazer algo criativo. O concerto de

Os Diplomatas, em 1975, foi uma apresentação de síntese das grandes propostas das manifestações do *rock*.

Nos anos 60 e 70 o rock passou por aqui

Outro fenômeno musical que vai chamar a atenção de uma grande parte da juventude no final dos anos 50 é o surgimento da *Bossa Nova*. A eletricidade do *rock* e o som acústico e intimista da *Bossa Nova* é a primeira bifurcação que vai dividir os jovens em tribos. Pois os admiradores da *Bossa Nova* também identificavam o novo estilo como uma maneira rebelde de assumir a cultura nacional.

A explosão do programa *O Fino da Bossa*, comandado por Elis Regina e Jair Rodrigues, começou a fazer a diferença entre os jovens, que também prestigiavam o programa comandado por Roberto Carlos e a sua *Jovem Guarda*. Para uma parte da juventude, Roberto e Erasmo Carlos e seus adeptos, representavam a coisa mais careta que existia na música brasileira.

A justificativa para esse preconceito é assimilada à falta de algo mais concreto no lado da canção brasileira e também porque não surgia nenhuma novidade no *rock* nacional ou internacional com qualidade. Mas Elvis Presley já era um grande fenômeno mundial tanto no disco, com suas baladas românticas e seus *rocks* eletrizantes, como no cinema, com filmes contagiantes, como *Balada Sangrenta*.

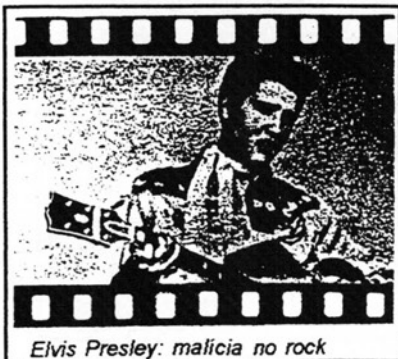
Na virada dos anos 60 para os anos 70 é que vêm surgir os designativos *banda* e *grupo* para os conjuntos de *Iê, Iê, Iê*.

Então, nos anos 70 já temos uma ampliação do número de grupos. Surgem *Os Gentlemen*, no bairro de Manaíra que, no final da década, gravou um disco com músicas próprias, escritas em inglês, patrocinado pelo empresário Antônio de Pádua, da concessionária de automóveis Promac. *Os Tuaregs*, no bairro de Jaguaribe, *Os Bárbaros* em Mandacaru, que possuíam uma moderna aparelhagem de som, utilizavam esse equipamento para gravar as apresentações dos conjuntos de João Pessoa. As fitas eram comercializadas entre os apreciadores dos grupos e distribuídas para várias cidades nordestinas. Em Cruz das Armas, *Os Santana's* fazia uma fusão do som latino-americano

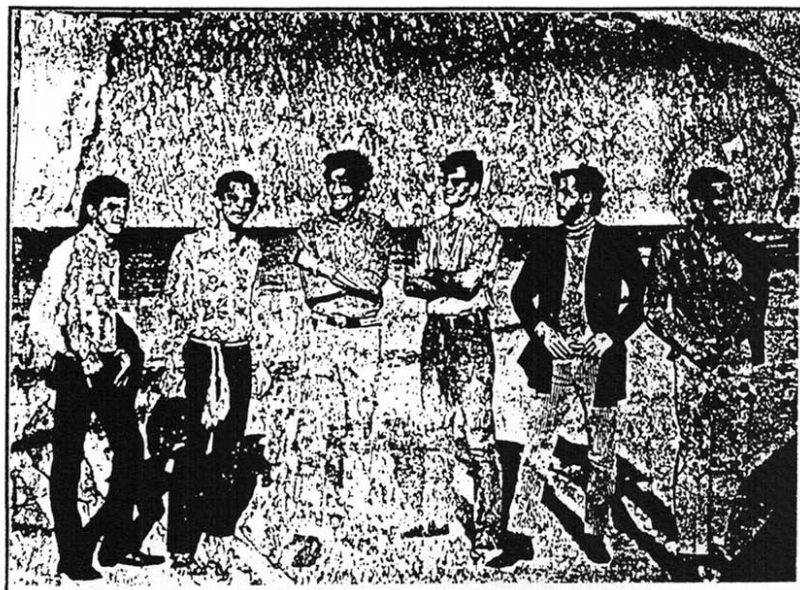


A União

Os Quatro Loucos, numa de suas várias formações. Em pé, à esquerda, Zé Ramalho, à direita Floriano. Sentado, Golinha.



Elvis Presley: malícia no rock



Os Gentleman, em foto para o cartaz de divulgação do conjunto.

um dos incentivadores do movimento musical, tanto erudito como popular, fez um trabalho com o grupo *Som Imaginário*, uma das grandes usinas de som *pop*-alternativo do Brasil. Desse grupo revelou-se o cantor Zé Rodrix, que popularizou o *rock* rural brasileiro e estabeleceu uma conexão do *rock* paraibano com o *rock* nacional feito naquela época, através da presença do maestro.

Mesmo não sendo um músico de *rock*, Pedro Santos sempre foi uma pessoa de mentalidade aberta e sabia do potencial da música eletrônica. Ele não praticava muito o *rock*, mas discutia e fundamentava a música em geral. Da Paraíba, ele levou para o Rio de Janeiro artistas, cantores e intelectuais como: Raul Córdoba, Ednaldo do Egyppto, Carlos Aranha, entre outros.

Em Campina Grande surge *Os Analfabates*, que tinha esse nome por causa da semelhança de Bráulio Tavares com Jonh Lennon. Ele foi o primeiro grupo a fazer exclusivamente *cover* dos *Beatles* aqui na Paraíba. De Campina Grande, também era o conjunto *As Brasas*, formado só por mulheres, que tinha a cantora Elba Ramalho como baterista.

O circuito de *shows* na Capital paraibana era muito incipiente. Os grupos de *rock* acompanhavam artistas já definidos no cenário local como artistas da Música Popular Paraibana. Os pontos mais utilizados para os *shows* eram a boate e restaurante *O Circo*, o bar *Asa Branca*, o *Independente Clube*, o *Ástrea* e o *SESC*. Nesses locais aconteciam os encontros entre os jovens

no do guitarrista Carlos Santana, com o *rock* pesado do *Black Sabbath*, *Deep Purple* e *Led Zeppelin*. Só que essas misturas de tendências e influências não era executada nos bailes, embalava apenas os ensaios. Junto com *Os Gentleman*, *Os Selenitas* foi o grupo que mais se preocupou com a linguagem específica do *rock*, tocando *Beatles*, *Renato e seus Blue Caps*, *Ten Years After*, *Stepenwolf*, James Taylor, Carole King, além do *rock* rural brasileiro de Sá, Rodrix e Guarabira.

O maestro Pedro Santos,



Bráulio Tavares, dos *Beatles* ao *for-all*.

para ouvir e discutir a produção musical paraibana, sempre regada a muita cerveja, vodka com laranjada Cliper e cuba libre. Os shows eram sempre lotados.

Um conhecidíssimo ponto de encontro da moçada, também era a loja de discos *STOP*, onde se discutia as novidades do meio musical e do *rock'n'roll*. Essa loja pertencia aos publicitários Carlos Roberto de Oliveira e Roberto Carlos de Oliveira, que traziam as novas tendências da música para João Pessoa.

Um dos programas de rádio, em João Pessoa, que fazia divulgação de todas as tendências musicais de um modo geral, foi o programa *Papo Firme*, apresentado pelo jornalista Carlos Aranha, na Rádio Correio AM.

Enfim, a bifurcação chega ao final, quando em julho de 1968, foi criado o primeiro documento que instalaria o *Tropicalismo* no país. O *Tropicalismo* não optou nem pela *Bossa Nova* nem pela *Jovem Guarda*, mas pelos dois ao mesmo tempo. O manifesto assinado por Gilberto Gil, Caetano Veloso, Jomar Muniz de Brito, Carlos Aranha e Marcos Vinícius, foi censurado pelo Ato Institucional nº 5, o famoso AI-5, que desestruturou toda a mobilização que o movimento havia conseguido no campo da cultura nacional. Instalava-se então o pior momento da história política do Brasil, a ditadura militar.

A *Tropicália* esteve viva em João Pessoa, através de artistas como Cátia de França, Carlos Aranha, entre outros, que agitaram esse movimento aqui, em 1968. Shows como, *Puxa-Puxa* e *Música Gravitacional*, de Carlos Aranha, contaram com a participação de músicos e instrumentistas que faziam o melhor *rock* instrumental na Paraíba.

Após muita batalha para se firmar no cenário local com uma carreira artística consolidada, apenas *Os Tuaregs* continuou animando bailes, pelos Clubes da Capital e além das fronteiras do Estado.

Ninguém esperava que, nos anos 80, o *rock* voltasse com tanta força, “mas ele, eterno camaleão, sempre dá um jeito de rebelar-se contra si próprio, inventar uma nova guerra e uma nova trégua, sacudir e sacudir-se”⁵. Em 1984, com o fim da ditadura militar, o vírus do *rock* já estava disseminado por todo o país, denunciando o estado de extrema miséria em que se encontrava o país do futuro.

Aqui na Paraíba, nunca se viu, até então, tantas bandas surgidas

Nos anos 60 e 70 o rock passou por aqui



A União

Zé, Jairo Mozart, Ivandro e Van Santos: os rocks na terrinha animava os bailes.

Nos anos 60 e 70 o rock
passou por aqui

sob o impacto da linguagem do *rock*, que nos anos 80 trouxe, sem nenhuma sombra de dúvidas, um novo vigor para a Música Popular Paraibana.

-
4. Roberto Muggiati. A Música do Século XX. Pág. 22.
 5. Ana Maria Bahiana. A Música do Século XX, pág.1.

ANOS 80: INTUIÇÃO E ESPONTANEIDADE



split tape

ROCK



ACAO PARAIBA
21h00 - GRUPO DE DANÇAS
17h30 - Show de pinicos AGITADA
17h30 - Rock PB: SOMBRA DOENTES
17h30 - Rock PB: SOMBRA DOENTES
20h00 - Rock PB: SOMBRA DOENTES
21h00 - Show com PEDRO OSMAR e JA
21h00 - Show com PEDRO OSMAR e JA
JAGUARIBI E CARNE
17h30 - Rock PB: ANJOS DO ASFALTO
17h00 - Show com RICARDO FABIÃO
17h00 - Rock PB: BANDA EGIPTO
21h00 - Show com WASHINGTON ESP
NOLA TRIO
17h00 - Rock PB: S.O.S



Na Paraíba, o rock



A partir da segunda metade dos anos 80 a imprensa e a mídia paraibana passaram a veicular com uma intensidade muito maior do que nas décadas de 60 e 70 o trabalho das bandas que surgiam em todo o Estado e principalmente na Capital sob o impacto da linguagem explosiva do *rock'n roll*.

Esta nova leva de bandas teve como grande impulso o *boom* do *rock* brasileiro no início da década, que despontava como o futuro da Música Popular Brasileira, injetando criatividade, assimilando novas tendências, de comportamento e costumes com atitude e postura crítica.

A consolidação comercial dessa nova onda que assolava o país inteiro por meio das rádios, da televisão, do cinema e da mídia, como proposta artística e de estilo de vida, veio com a realização do primeiro *Rock In Rio Festival*, que reuniu no mesmo palco durante dez dias várias vertentes do *rock'n roll* e da música popular brasileira. Foi a maior concentração de público na história do *show business* no Brasil.

A partir daí o Brasil entraria no roteiro dos *shows* internacionais, seja com os dinossauros do *rock* ou com os novos nomes que surgiam. Tudo isso, obviamente, com o aval da indústria fonográfica e da mídia. Imediatamente a imprensa musical do Sul arranhou o rótulo ROCK NACIONAL para o produto das gravadoras.

Os cantões mais longínquos e remotos da *terra brasilis*, ficavam a par de toda essa renovação através de uma poderosa rede de comunicação, construída durante o período da ditadura militar e controlada por políticos e empresários que se beneficiaram com o regime durante vinte anos.

Vivia-se ilhado e à mercê da programação vertical das emissoras de rádio e televisão. Apenas os mais atrevidos e os mais corajosos, que estavam sintonizados com os acontecimentos e as transformações do país e do mundo, conseguiam ter acesso às informações necessárias para entender e viver nos anos 80 aqui em João Pessoa.

Enquanto capitais como Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília exportavam suas bandas para o resto do país, por intermédio de uma poderosa rede de divulgação controlada pelas gravadoras multinacionais, em João Pessoa esse movimento foi visto, pelos eruditos e puristas, como um produto da indústria cultural para o consumo dos adolescente e não como uma renovação da atmosfera cultural pela liberdade de expressão e contra o estado de miséria e corrupção em que se encontrava o país após vinte anos de regime ditatorial.

A falta de estúdios de gravação, de uma imprensa musical específica e a desinformação dos programadores das emissoras de rádio FM foram os primeiros percalços encontrados pelas bandas no Estado. É certo que houve um apoio significativo, embora equivocado, por parte

dos órgãos estaduais e municipais ligados à cultura. Dizemos equivocado pelo fato de não ter havido uma política cultural definida e séria.

A iniciativa privada sentia-se acanhada, mantendo-se isolada de todo o processo de produção cultural que emergia da imaginação e das experiências individuais e coletivas da juventude que, por sua vez, também significa parcela considerável na escala de consumo. Os adolescentes e os jovens são consumidores em potencial. Então tornava-se extremamente complicado e difícil conseguir um apoio da iniciativa privada para patrocinar gravações de discos, *shows*, publicidade e qualquer outra atividade da área que precisasse de subsídios.

Mas tanta energia não poderia ficar guardada apenas nas garagens. A saída foi ir em direção à orla marítima para realizar as apre-



Moçada que Agita

Show com as bandas
Anjos do Asfalto e
Censura Livre na orla
marítima promovido
pelo Jornal Moçada que
Agita. legenda

sentações em barzinhos para um público ainda hostil àquele tipo de música, principalmente pelo fato de que a maioria das bandas executavam um repertório próprio. Uma outra alternativa foi a produção independente de *shows* nos teatros de João Pessoa, mas esse tipo de investimento nunca foi bem sucedido porque a renda nunca pagava as despesas. Pagava-se para tocar. Além do que, os teatros não são os melhores locais para um concerto de *rock*.

O crescimento do número de bandas começou a chamar a atenção de alguns promotores de eventos culturais e donos de bares, que abriram espaços alternativos para a realização de *shows*. Durante os festivais de música popular, que aconteciam pela cidade, as bandas se apresentavam na abertura e no encerramento das eliminatórias. Neste exemplo, destacou-se o Festival do SESC, promovido anualmente até hoje. No bar da Pólvora aconteceu a *Primeira Mostra Paraibana de Rock*, que contou com a participação de bandas de Campina Grande e

João Pessoa. O Palco-Bar e o Submundo, em Tambaú, e o Bar da Pólvora, na Cidade Baixa, tornaram-se o reduto boêmio dos roqueiros da cidade. Nas festas populares organizadas pelas prefeituras das cidades do interior e da capital e pelo Governo do Estado, algumas dessas bandas eram convocadas para se apresentar. A música que seria o ícone do *underground* nos anos 80 aqui na Paraíba, deslocou-se precocemente para os palcos da cultura e do entretenimento oficiais.

Foi relevante o papel da imprensa escrita, que abriu espaço nos cadernos de cultura para divulgar o trabalho e as idéias dessas bandas. Também foi importante o papel das emissoras de televisão que registravam as apresentações ao vivo, anunciavam os *shows* na agenda cultural dos telejornais, os lançamentos de discos e *demo-tapes* e abriam espaço para entrevistas com as bandas. Já as emissoras de rádio FM criaram um bloqueio técnico, estético e comercial, barrando as *demo-tapes* e os discos independentes, numa época em que o *disco laser-CD* e o *Digital Audio Tape-DAT*, ainda eram novidades e as rádios não trabalhavam com essa tecnologia.

A caminhada dessas bandas pelo circuito musical da Paraíba chegou a render alguns trocados que, juntamente com economias pessoais, foram convertidos em *demo-tapes* nos estúdios de Recife. É importante ressaltar que a grande maioria dos jovens que faziam parte dessas bandas eram secundaristas provenientes da classe média. Esses grupos de jovens transitavam com suas idéias cotidianamente entre o centro da cidade e a orla marítima. Apenas no início dos anos 90 é que veio acontecer uma homogeneização maior dos segmentos sociais (classe média e suburbanos) e intelectuais (secundaristas e universitários). Sendo assim, era possível encontrar jovens da periferia e da orla marítima tocando numa mesma banda. Enquanto isso, os artistas remanescentes dos anos 70 que faziam/fazem a MPB paraibana, discutiam a participação do governo na produção cultural.

A arte da intuição foi mais relevante do que o consumo de informações na João Pessoa dos anos 80, pois não havia aqui, até 1988, uma única loja sequer especializada em discos, revistas, vídeos e livros, nacionais ou importados, sobre a cultura do *rock*. Também não havia o intercâmbio com outras cidades ou países que produziam música pop. O único espaço existente para divulgar as *demo-tapes* das bandas ou assimilar informações novas era o programa semanal *Jardim Elétrico*, transmitido pela Universitária FM, atualmente desativados — rádio e programa.

Essa forma de viver antenado com o mundo exterior foi traduzida para o nosso universo em forma de arte e comportamento, cotidianamente. Buscava-se criar uma *mise-en-scène* adaptada à nossa realidade, impulsionados pela inquietação de sair do lugar comum.

Do ponto de vista criativo, esse movimento foi o primeiro ensaio para a criação de uma cena musical alternativa, garantindo, assim, um espaço para a criatividade artística e criando novos matizes para uma cultura regional e urbana um tanto já desgastadas.

Atualmente, a nossa cidade apresenta-se com um aparato tecnológico que jamais foi sequer imaginado há dez, vinte ou trinta

Anos 80: intuição e
espontaneidade

anos atrás. Contudo, os paradoxos também parecem ter se acentuado com mais força e agressividade do que antes, fazendo emergir mais uma vez vozes do subterrâneo sócio-político-cultural e econômico. Hoje, em cada bairro da cidade encontramos inúmeras bandas ensaiando em garagens; do Costa e Silva ao Intermars, de Tambaú ao Varadouro. Mesmo de forma acanhada, a cidade de João Pessoa, tem sido um celeiro de excelentes músicos e compositores de *rock* que também sabem dialogar com o que há de mais forte e expressivo na nossa cultura popular. Apesar de tudo, ainda não perdemos a nossa capacidade antropofágica.



Cicero Silvestre/Correio da Paraíba

*Punks: a representação suburbana
através do rock.*

AS BANDAS



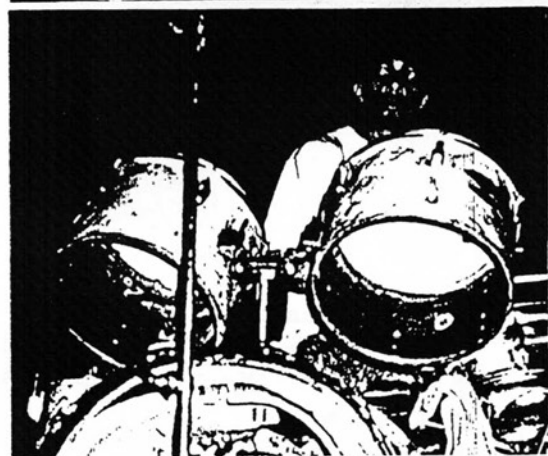
ABERRAÇÃO SONORA

Banda *punk*, criada em João Pessoa, no ano de 1989. Formada só por garotas, o *Aberração Sonora* não tinha guitarrista. As integrantes do grupo eram: Jael (bateria), Cira (baixo) e Sheila (vocal).

Fotos: Cortesia da banda



Adúltera, dos Sex Pistols ao Megadeth passando, naturalmente, pelo Echo e the Bunnymem. Ricardo (guitarra). Celio (bateria), Ed (vocal e baixo), Jr. Natureza (guitarra).



ADÚLTERA

...aquela prostituta que eu amava.

A *Adúltera* foi formada em João Pessoa em 1987, quando o baixista Ed chega de Fortaleza, onde tocava em bandas como *Luto e Maresia*, na linha do *punk-rock*. O nome da banda está ligado à proposta de abordar temas como prostituição, sexo e religião. A sonoridade da *Adúltera* passava principalmente pelo *rock'n roll*, conscientização com diversão. No repertório, *Titãs*, *Hojerizah*, *Replicantes*, *New Model Army*, *Killing Joke*, *The Cure*, *The Cult*, *Ramones*, *Dead Kennedys*, *Sex Pistols*, *Jimmy Hendrix* e *Adúltera*. As letras abordavam as crises juvenis e sua relação com a sociedade. Os *shows*, que aconteciam geralmente em Centros Comunitários, eram produzidos e divulgados por eles mesmo, por meio de cartazes e *fliers* feitos em xerox. O boca-a-boca e a pixação eram outras formas de divulgação do nome e das idéias da banda. Encerram as suas atividades em 1988.



ALBATROZ

Banda formada em Campina Grande, na segunda metade dos anos 80. As principais influências do *Albatroz* eram o *rock* progressivo e *heavy metal* dos anos 70. No início da década de 90, o *Albatroz* grava seu primeiro e único disco intitulado *Apocalipse*. Após o lançamento do disco, o grupo faz uma apresentação em João Pessoa para divulgação do LP

no Bar da Pólvora, na *Primeira Semana Paraibana de Rock*. O disco não teve uma boa aceitação. Pouco tempo depois encerram as suas atividades. Atualmente, o tecladista Paulinho é proprietário do Pró-Sound, um excelente estúdio localizado em Campina Grande.

ANJOS DO ASFALTO

Os *Anjos do Asfalto* surgiram em 1989. Após várias formações o grupo estabeleceu-se com Allyson (vocal), Lula (baixo), Guga (guitarra) e Glauco (bateria). Com essa formação fizeram várias apresentações e participaram da coletânea *Aquáriu II* (ver foto na página seguinte). A faixa “Fumaça e Pó” faz uma apologia ao estilo de vida dos anos da contracultura.

Antes de se chamar *Anjos do Asfalto*, eles atenderam por *UTI* e *Independência ou Morte*. O A.A. era uma típica banda dos anos 80, com



influências do pós-punk da *Legião Urbana*, *The Smiths*. Após três anos de formada, os *Anjos* recrutaram o tecladista Max. Atualmente a banda está dispersa mas os seus mentores continuam em atividade. Recentemente gravaram uma demotape com a faixa "Entreluz".



Antônio David /Mocada que Agita

Nesta e na página anterior, os Anjos do Asfalto em três formações. Abaixo, a formação que gravou a faixa "Fumaça e Pó" para a coletânea *Aquarius II* em 1991. No repertório músicas próprias e covers do rock nacional.

FUMAÇA E PÓ - ANJOS DO ASFALTO

(Luiz Carlos, Antônio Augusto, Allysson de Carvalho)

Avistei do alto foco de fumaça e pó
 O alto era tão baixo e tão diferente
 O mundo era um só e a noite transparente
 Num ciclo inquieto em mente por mente
 Se há fim do mundo
 Isso é o começo de uma curta temporada
 E se há como esquecer
 Só mesmo com a cabeça arrancada
 Já parei pra pensar no que vem depois do sexo
 Mas quem garante que realmente venha?
 Às vezes peço um tempo ao tempo
 Mas o tempo me concede poucas horas
 E me faz voltar ao cemitério das esperanças.
 Perto do amor e bem longe do risco
 Surge um abrigo e a paz com o coração
 Entre fumaça e pó existe o nada
 É nada demais pra quem quer encarar
 O lado hostil da exuberância



Correio da Paraíba

A.N.T.A.R.E.S

Banda formada em meados dos anos 80, em Areia, liderada por Beto Costa (vocalista). Faziam músicas influenciadas pela *new wave* e tocavam *cover* de bandas de rock nacional como, *Kid Abelha*, *Gang 90* e *Blitz*. O grupo se apresentava em bailes de formatura, *showmícios*, bares e boates de Areia e cidades vizinhas.

Anti-Boys

Correio da Paraíba



O *Anti-Boys* fazia um som na linha do *punk*, *hardcore*, *rockabilly* e *reggae*. O grupo foi formado, em 1989, pelos irmãos *Sucata* e *Tony*. Em 1992 o *Anti-Boys* realizou a sua primeira *demotape* durante o show *Rock Contra a Fome*, no *SESC*.

Acima, apresentação do *Anti-Boys* na sede do *Musiclube*, mostrando as músicas *Surfista*, *A Morte*, *Loira Gostosa*, *Colarinho Branco*, *Me Fizeram Obedecer*, entre outras

Apocalypse - da esq. para a dir.: *Elinaldo* (baixo), *Fabiano* (bateria), *Gilberto* (guitarra), *Ítalo* (guitarra) e *Rocha* (vocal).



Correio da Paraíba

APOCALIPSE

O grupo surgiu em *Cajazeiras*, no final dos anos 80, com o objetivo de se apresentar em um festival. A partir daí, manteve-se unido em função de tocar músicas próprias na linha do *rock'n roll*. Inicialmente, chamava-se *Páginas Amarelas*, depois *Plasma*. Assimilando novas influências, o grupo desenha o seu som com mais ênfase no peso e troca de nome: *rock'n roll* visceral batizado de *Apocalypse*.

ATLÂNTICOS

Banda de *trash-metal*, surgida em 1988, em João Pessoa, com Oliver (vocal), Leo (baixo), Sidney (guitarra) Herbert (bateria) e Waldir Ridlav (guitarra). O grupo possui uma *demotape* gravada em 17 de fevereiro de 1988. No final desse mesmo ano, Oliver, Valdir e Leo deixam o grupo.

CAVEIRA

Banda de *trash-metal* formada em dezembro de 1987, na cidade de Campina Grande, por Alessandro (voz e guitarra-base), Wagner (bateria), Kleber (baixo) e Múcio (guitarra-solo).



CENSURA LIVRE

Grupo que mesclava em seu trabalho várias tendências do *rock*, entre elas o progressivo e o *pós-punk*. Formada em 1987 por Ítalo Ricardo (saxofone), Sérgio Augusto (teclado), Milton Augusto (baixo), Marcelo Macêdo (guitarra) e Márcio (bateria). O *Censura Livre* abordava em suas letras os valores da sociedade moderna. No repertório do grupo, além de suas próprias músicas, eles faziam *covers* do *Pink Floyd* e do *rock* nacional. Realizaram *shows* na Escola Técnica Federal da Paraíba, no Colégio CA, na Festa das Neves, encerrando suas atividades em 1990, com um *show* no Projeto Canta Moçada, promovido pelo Jornal Moçada que Agita. O grupo não deixou nenhum registro em *demotape*.



Antonio David/O Norte

CENTRAL BRASIL

Em 1987, os garotos do *Políticos do Absurdo* reuniram-se para tocar *rock* nacional e estrangeiro, MPB, e os *hit parades* que rolavam nas FM de João Pessoa. Seria um grupo de baile? Mas a atmosfera não estava para aquele tipo de proposta. O legal mesmo era montar um grupo para tocar o som que fazia a cabeça dos jovens: *Rock Nacional* e quem sabe, até compor suas próprias canções, gravá-las, fazer *shows* etc. A base do grupo era o conjunto dos Bancários.

Um fato curioso é que no início os *Políticos do Absurdo* só ensaiavam com som de *shows*. Devido ao incômodo que era transportar todo aquele equipamento apenas para os ensaios, foi que eles descobriram as utilíssimas caixas amplificadas. Como o *rock* nos anos 80 caracterizou-se pelo fim da festa *punk*, só restava a ressaca pós-*punk* pra curtir. Em 1990, o grupo muda o nome para *Central Brasil*. Neste mesmo ano o grupo grava duas *demo-tapes* ao vivo. A primeira delas foi gravada durante um *show* na Escola Técnica Federal da Paraíba e a outra no Projeto Canta Moçada, promovido pelo Jornal Moçada Que Agita. O grupo acabou no final de 1990.



Confissão da banda

Guga (guitarra), Alex (vocal), André (baixo) e Fernando (bateria).
Acima, cartaz do show realizado em julho de 88, quando ainda se chamava Políticos do Absurdo



O Norte

CLÃ DE ATHENAS

Foi com a intenção de formar uma banda apenas para se apresentar no festival de música do Colégio Marista Pio X, que Gualter (guitarra) Guga (guitarra e voz), Henrique (bateria), Pedro (teclados) e Marcelo (baixo) formaram o grupo *Alta Tensão*. Mas, como a grande influência do grupo era o som *tecno-pop* elegante do *Duran Duran*, o nome *Clã de Athenas* soava melhor. Em outubro de 1986, o grupo faz a sua primeira apresentação, abrindo o *show* de lançamento do compacto simples do *Limousine 58*, na Praça do Povo do Espaço Cultural. Em 87, o *Clã de Athenas* faz o *show* no teatro Paulo Pontes intitulado *Pais e Paz*, que contou com a participação especial da ainda desconhecida Renata Arruda. Em 87, o grupo grava no Studio Somax, em Recife, a faixa "*Tudo e Nós*". Acabou em 1989.



O Norte



O Norte

CREPÚSCULO

A banda *Crepúsculo* surgiu do contato entre duas gerações da música paraibana. Léo Almeida começou, em 1980, participando de uma antologia da música paraibana, lançada independente. Conheceu os irmãos Eduardo (teclado), Herlon (baixo) e Erick (bateria), que tocavam juntos já há algum tempo fazendo *showmícios*. Em 1989, eles formam a banda com a intenção de fundir a música regional com o *rock* numa linguagem *pop*. A banda durou até junho de 1990 sem deixar nenhum registro do seu trabalho.



O Norte

DÂNDIS

Banda formada, em 1987, na cidade de Cajazeiras. Os Dândis começaram participando de festivais e tocavam também rock nacional, principalmente Lobão, Titãs e Engenheiros do Havai.



O Norte

O Danger na sua segunda formação

© DANGER

Formada, em 1989, por Júnior Natureza (guitarra), Jr. Gordo (ba-

teria) e Beto (teclados), realizaram o primeiro show no Teatro de Arena do Espaço Cultural, ainda sem baixista definido. Na segunda formação da banda, entram Ed (Baixo) e Célio (guitarra). Em setembro de 1990, a banda *Danger* faz um evento chamado Três Sábados Com o Danger, no Centro Social Urbano do bairro dos Ipês, apresentando-se três finais de semana consecutivos. A primeira *demotape* (89), traz as faixas "Canção da Paz", "Imundície", "Máquina" e "Pessoas Malquistas". Após a primeira *demo* o grupo passa pela terceira formação: Júnior Natureza (guitarra), Júnior Sucata (bateria), Célio (baixo) e Nando (guitarra). A segunda *demotape* da *Danger* é uma *splitdemo* intitulada *The Other Face*, gravada em maio de 1991, com a banda *Medicine Death*, com as faixas "Imundície", "Realidade da Guerra", "Pessoas Malquistas" e "Fogo e Cruzes". A quarta formação foi: Jr. Natureza (guitarra), Nino (vocal), Emerson (baixo), Júnior Gordo (bateria) e Marcelo (guitarra).

O *Danger* fazia um *crossover* com influências de grupos como *Exploited*, *Sex Pistols*, *Deep Purple*, *Iron Maiden*, *Metallica* e do grupo nacional *Câmbio Negro*. As letras do *Danger* falavam de obsessão, caminhos tortos, drogas, corrupção e guerras sociais. Em 1990, o *Danger* é notícia na revista especializada em *heavy metal*, *Rock Brigade*. Atualmente, o seu líder Jr. Natureza integra o *Anjo Louco*.

DELITOS... o balaio do futuro.

Banda de *pop rock* formada no final dos anos 80 em Campina Grande. No repertório: *Barão Vermelho*, *Rolling Stones* e músicas próprias. Depois de várias formações e experimentações, o grupo resurge nestes anos 90 com um novo som e um novo nome e um CD. O *Dasbandas da Parahyba*, gravou *A feira*, uma mistura de *rock* com ritmos regionais, como forró, baião, côco. A música título do CD virou um clip dirigido pelo *videomaker* Carlos Dowling e já teve veiculação na MTV-Brasil. O *Delitos* foi uma das bandas que participou do 1º Campina Grande Rock em 1991.

DESERTORES SS

Banda *punk*, formada em João Pessoa, em meados de 87, por Júnior (guitarra e vocal), Washington (baixo) e Beto Primata (bateria).

DESORDEM ARMADA

... a eminência de uma guerra nuclear

Letra da música do Desordem Armada, escrita pelo vocalista da banda, Josimar

Banda formada em 1987, com um som na linha *punk* e *hardcore*. A *Desordem Armada* era simpatizante do movimento nacionalista, que ideologicamente divergia dos *punks* anarquistas. No Brasil, o som feito pelos *punks* nacionalistas foi denominado de *Hard Oi* e muitas vezes o movimento nacionalista foi taxado como um ressurgimento do nazismo. A essência do movimento nacionalista é a defesa da soberania nacional, da cidadania e das riquezas nacionais. A partir da abertura da *Desordem Armada* para o *Hard Oi* é que nasceu o movimento *Oi* na Paraíba. Nessa época, já existia um movimento em nível nacional liderado pelos "carecas".

A *Desordem Armada* teve sua formação inicial com Josimar (vocal), Júnior Saldanha (bateria), Lanuce (baixo) e Glauber (bateria). Com a saída de Josimar, Júnior assume o vocal e guitarra, permanecendo os demais integrantes. Na terceira e última formação, Josimar volta para o vocal, sai Glauber (bateria) entra Daniel



LUTAR

Temos que lutar
Temos que lutar
Temos fome, miséria,
desemprego
E a eminência de uma
Guerra nuclear
Temos que nos unir
Para o sistema abolir
Chega de tanta destruição
Queremos amor no coração

(Josimar)

Bolinha em seu lugar.

Os registros da banda são *demotapes* gravadas durante ensaios no Recife. Algumas dessas gravações estão espalhadas por alguns países latinos. O nome *Desordem Armada* é uma alusão ao papel da polícia armada, que em muitos casos abusa do poder. Os integrantes da banda consideravam a polícia típicos desordeiros que tinham a proteção do poder público. A banda acaba em 1991.

DOMBER

Banda formada na segunda metade dos anos 80, em Campina Grande, por Fredão (voz), Eugênio (bateria), Paulo Márcio (baixo) e Pedro (Guitarra). O som do grupo era uma miscelânea de influências, que resultava num *pop* experimental. Em 1988, a *Domber* participa do vídeo *O rock está certo?* produzido por Ricardo Faria e Bruno Montenegro.

d I S U N I D O S

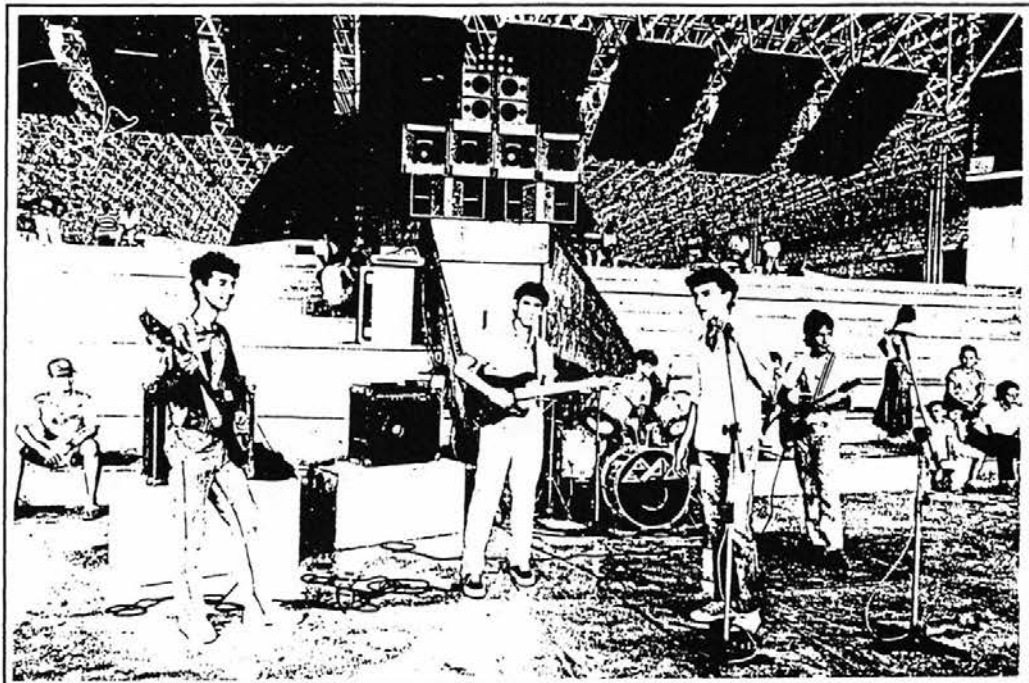
Os *Disunidos* começaram em meados de 1987. O grupo no início era formado por Beto, Sérgio, Jobson, Aurício e Washington, que deixou o grupo para formar o *Desertores SS*. Sobre o nome - *Disunidos* - era um retrato da burguesia, das guerras no mundo e do egoísmo dos governos. As músicas falavam do dia-a-dia, dos problemas do Sistema, da descrença nos dirigentes do país e da falta de perspectiva para o futuro. Os *Disunidos* gravaram algumas *demotapes* caseiras que circularam pela cidade através da Universitária FM, na programação *Jardim Elétrico*, onde um dos componentes da banda fazia um quadro dedicado ao *heavy metal*. Em 1991, os *Disunidos* participam do vídeo *Tão sentindo um cheirinho de queimado?*, de Bertrand Lira e Everaldo Pontes, e gravam a primeira *demotape* oficial do grupo, em Recife. Após cinco formação os *Disunidos* encerram as atividades do grupo, sendo considerada a banda mais importante do movimento *punk* da Paraíba.

Os *Disunidos* na sua terceira formação, em 1988, quando se apresentaram na eliminatória do III MPB SESC, chocando o júri com o seu som cru e despojado.

Da esquerda para direita: Aurício (vocal), Joelson (guitarra), Jobson (baixo) e Vado (bateria)



Altair Castro/O Norte



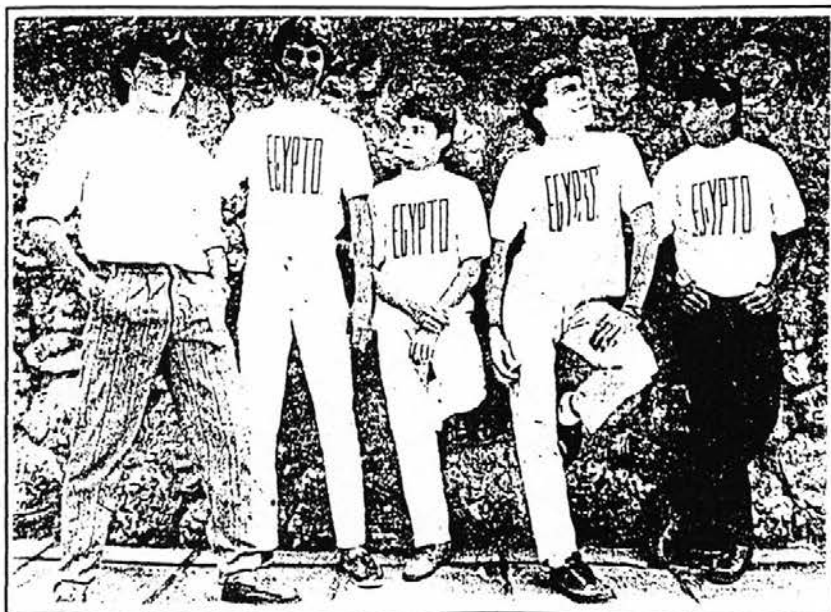
Apresentação da banda Egypto no Teatro de Arena do Espaço Cultural, em fevereiro de 1988. A segunda formação da banda contava com o guitarrista Roberto Victor (segundo da esq. p/ dir.)

EGYPTO

Em março de 1987, o vocalista e letrista Fábio chega de Salvador (BA), com a idéia de formar uma banda de rock em João Pessoa. Conhece Lauro Meller (guitarra), Jeconias (baixo) e Alberto (bateria), que é substituído por Tony Ramalho. Com letras de Fábio e músicas de Lauro, a banda *Egypto* mescla o seu repertório com músicas próprias e covers do rock nacional. A parceria entre Lauro e Fábio vai definir o estilo da banda nos seus primeiros tempos. Era uma salada pop que incluía rock, baladas, blues, reggae e ska. Em agosto de 1987, entram para a banda os irmãos Marcelo Bezerra (baixo) e Cacá (guitarra).

A primeira *demotape* (ao vivo) do grupo é de 1987, só com músicas próprias. Em fevereiro de 1988, a banda grava a primeira *demotape* de estúdio em Recife no estúdio DB-3, com as músicas "Não Choro" e "Reggae Paraíso" que foi transformada num *videoclip* para o programa Paraíba Hoje, da TV O Norte. Nesse mesmo ano, a ban-

Segunda formação da banda Egypto, em meados de 1988. O primeiro da esquerda é o guitarrista Edward (ex-Patrolha Noturna), que passou alguns meses na banda. Em seguida, Marcelo (baixo), Tony (bateria), Fábio (vocal) e Cacá (guitarra-base)





A banda em sua terceira formação com o baixista Ed (quarto da esq. p/ dir.)

Teatro Lima Penante

Apresenta: BANDA EGYPTO

Dia: EGYPTO

Hora: _____ Nº: 262

Preço: 15,00

Apoio: DAE-PROPLAN-DepL* Cultural Prefeitura/J. Pessoa

Ingresso do show, realizado em agosto de 1990, no Teatro Lima Penante. Ingresso do show no Teatro Paulo Pontes, em julho de 89.

ESPAÇO CULTURAL
JOSÉ LINS DO REGO

TEATRO PAULO PONTES

DIA: 14/07/89

HORA: 21h15

FILA: _____

CAD.: _____

PREÇO: 2,00

TEATRO PAULO PONTES

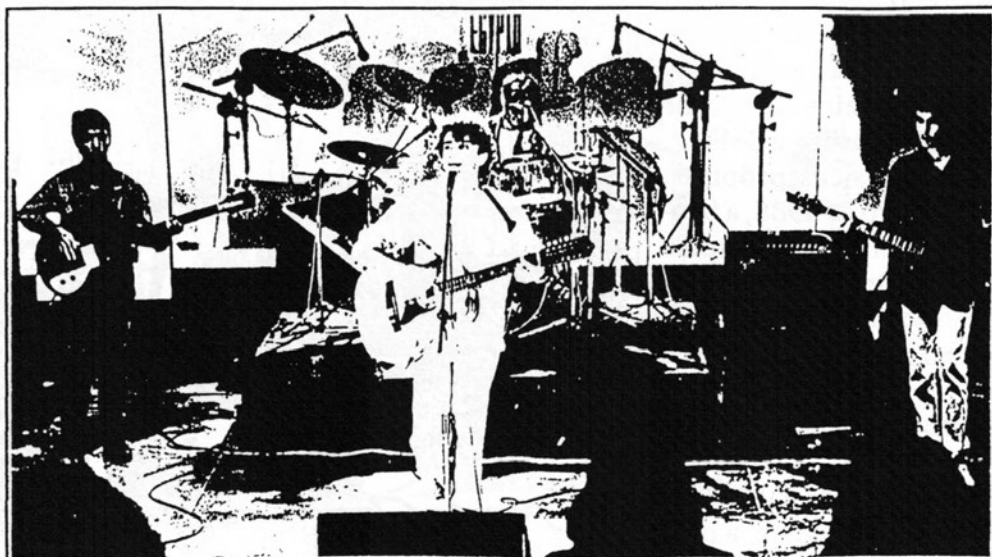
149

ESPAÇO CULTURAL
JOSÉ LINS DO REGO

EGYPTO

da participa do vídeo *O rock está certo?*, com a banda *Domber*, de Campina Grande. O vídeo foi dirigido por Ricardo Farias e Bruno Montenegro e faz uma abordagem do *rock* como uma cultura que atinge várias gerações.

Em 1989, a banda participa do FICO - Festival Interno dos Colégios Objetivo, em Natal e São Paulo, e faz seu primeiro *show* independente no Teatro Paulo Pontes. Em 1990, faz uma curta temporada de três dias no Teatro Lima Penante. A segunda *demotape* de estúdio da banda *Egypto* é realizada durante o ano de 1991, com doze faixas. Participam do 1º Campina Grande Rock, um festival que reuniu bandas de várias capitais do Nordeste e do Brasil. A partir de 1992, mudam o nome para *Meninos de Engenho*. Atualmente o grupo chama-se *Os Filhos de Maria*, com a seguinte formação: Fábio Queiroz (voz), Marcelo Bezerra (guitarra), Cacá (baixo) e Tony Ramalho (bateria).



Show realizado no Teatro de Arena do Espaço Cultural, em agosto de 1991, dentro do Projeto Terça no Arena.

ESTAÇÃO DA LUZ

Formada na segunda metade dos anos 80, na cidade de Esperança. Tocavam músicas de bandas do rock nacional, principalmente do *Ultraje a Rigor* e arriscavam algumas composições próprias. O grupo continua se apresentando em bailes e festas pelo interior do Estado.

Antonio David/O Norte



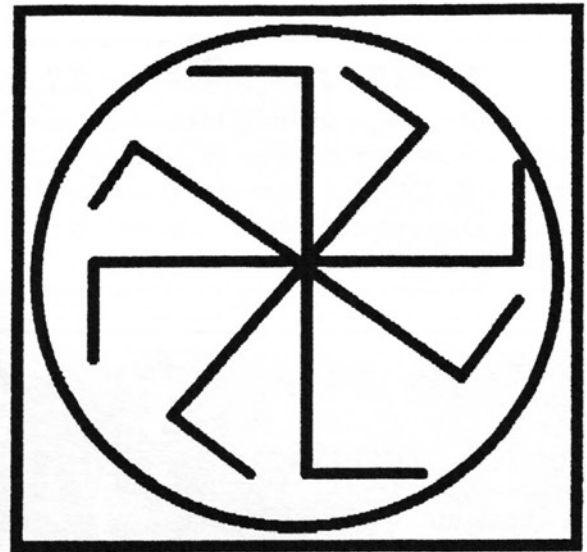
O Fantamas da Guerra na sua primeira formação. Da esq. p/ dir. Sílvio (vocal), Mano (bateria), Tatá (baixo), Fábio (guitarra) e Marcão (guitarra)

FANTASMAS DA GUERRA

... eu vou morar na Jamaica

Em 18 de julho de 1985, surgia no bairro dos Estados o grupo *Fantamas da Guerra*, resultado da fusão de outras duas bandas: *Jontex* e *Al-5*, fazendo uma salada musical que incluía *reggae*, *blues*, *rock* e *ska*, resultando num som *afro-funk*. Era uma nova onda na cidade, comandada por Mano de Carvalho (bateria), Sílvio (vocal), Tatá (baixo), Fábio (guitarra) e Marcão (guitarra). A partir de 1986, eles passam a se chamar *Fantamas da Guerra*, recrutando o saxofonista Toti, para engrossar o caldo sonoro. A única *demotape* da banda foi gravada entre setembro e dezembro de 1986, com dez músicas, entre elas, destacam-se as faixas, "Fantamas da Guerra", "Retrocesso Mental", "Je vous Salue Marie" e "Hiroshima e Nagasaki". A gravação foi realizada no estúdio Somax em Recife sob a direção do publicitário Armando Formiga e produção do músico/arranjador Tovinho. Antes de viajar para o Rio de Janeiro, em 1987, o *Fantamas* convida mais dois vocalistas (Beto e William) para complementar a banda. Estava formado o batalhão que enfrentaria outras tropas roqueiras no sul do país.

Mas nem só de marés baixas viveram os *Fantamas da Guerra* durante os três anos que passaram no Rio. Quando chegaram lá tomaram o Circo Voador de assalto, vitrine do *rock* feito no Brasil nos anos



80, e fizeram cerca de 30 apresentações em toda a Cidade Maravilhosa, sendo que a grande maioria no Circo Voador. A batalha do *Fantasma*, no Rio, foi coroada com a vitória sobre seiscentas bandas de *rock* do Brasil inteiro, ganhando o direito de participar, juntamente com mais sete bandas, da coletânea *Rock que rola por essas bandas*, lançada pela Gravadora Continental e Rádio Transamérica, com distribuição nacional. Com a faixa "Quem tem boca vai a Roma". Depois de tanto tempo longe de casa, o *Fantasma da Guerra*, volta a João Pessoa

O *Fantasma pós-Rio*, com formação diferente, da esq. para a dir. Ed (baixo), Marcão (guitarra), Silvio (vocal), Jr. Espínola (guitarra). Sentado, Mano (bateria). Acima, à direita, Logomarca da banda

para abrir um *show* de Lobão. A formação do grupo volta à original, eles lançam um CD "Fantasma da Guerra". A banda tornou-se, uma das mais importantes do *rock* paraibano dos anos 80, servindo de escola para vários músicos. Atualmente, parte dos integrantes originais da banda formaram o grupo de *reggae Futum*, formado por Tatá, Silvio, Fábio, Toti e o baterista Lula, com um CD lançado.

FARPAS Banda de *heavy metal* formada no final dos anos 80 em Campina Grande. O grupo tem uma *demotape* de 1993. O grupo recebeu influências do som pesado do *Led Zeppelin* ao *poser rock* do *Guns'n Roses*. O *Farpas* ainda continua em atividade.

FILHOS DA P...

Após o final da banda *Serpente*, o guitarrista Zé Filho é convidado para acompanhar o grupo *Limousine 58* nos *shows*. Com o final do *Limousine 58*, Zé Filho é convidado para integrar a banda que acompa-

nharia Ricardo Fabião (ex-Limousine 58), em carreira solo. Essa banda era formada por Zé Filho (guitarra e vocais), Eduardo Pré-Histórico (bateria) Adriano (baixo). A primeira vez que o grupo se apresentou com o nome *Filhos da P...*, foi quando o cantor Ricardo Fabião não pode comparecer ao *show* e então, eles deram o recado. Daí em diante, os *Filhos da P...* consolidaram-se com o grupo de *cover*-baile animando comícios, calouradas, barzinhos, tocando basicamente *rock* nacional dos anos 80. Um dos *covers* preferidos por *Filhos da P...*, era a música "Another brick in the wall", da banda inglesa *Pink Floyd*. O grupo durou de 1987 até o início dos anos 90. Paralelo ao trabalho com os *Filhos da P...*, o guitarrista Zé Filho e o baterista Eduardo faziam parte da banda *Sociedade Anônima*.

ID

Freud explica

Na linguagem freudiana, "Id" é designado como o depósito de forças instintivas inteiramente inconscientes. A escolha desse nome para a banda explica-se pelo fato de todos os seus componentes serem autodidatas, colocando em primeiro plano o simples prazer de tocar, explícito nas letras e melodias, suaves e agressivas, que traduzem a forma de ser de cada um dos integrantes do grupo, sem com isso provocar divergências. Formado no final dos anos 80 por Alexandre (vocal e guitarra), João Henrique (baixo e vocal) e Adi (bateria), o som do *Id* era baseado no *blues*, *reggae* e principalmente no *rock*. O grupo fez apresentações na Escola Técnica Federal da Paraíba, Espaço Cultural e alguns bares da cidade, onde mostrava sempre um repertório próprio e alguns *covers* de Lobão e do *Nenhum de Nós*.



IMPACTO SOCIAL

Em fevereiro de 1989, o baixista Igor chega do Rio para morar em João Pessoa, com a idéia de montar uma banda. No Colégio 2001, conhece Gustavo (bateria), Demian (guitarra) e Cassiano (guitarra). Juntos convencem, com êxito, o diretor do colégio a comprar uma bateria e começam a tocar sem nome definido. Inicialmente, faziam *covers* dos grupos de *rock* nacional e arriscavam composições próprias. Ainda no Rio,

N.º 1996

— DE VOLTA —
SHOW MUSICAL
 BANDAS;
 EGYTO E IMPACTO SOCIAL
 LOCAL: CLUBE ASTRÉA
 DIA: 31/10/89
 HORAS: 16:00

INDIVIDUAL 5,00
 APOIO: COLÉGIO OBJETIVO

Igor tocou em duas bandas: *Risco de Vida* e *Pedaços de Vaca*, que tocavam *punk rock*. O nome *Impacto Social* foi definido em outubro de 1989. O grupo fazia seus ensaios numa sala de aula do Colégio 2001. Em dezembro de 1989, com a segunda formação composta por Igor (baixo), Cassiano (guitarra) e Christian (bateria), apresentaram-se no festival do Colégio CA e no Festival do Colégio Objetivo. A partir das novas influências, como o *hard rock* progressivo do grupo canadense *Rush*, do *Yes*, do *Jethro Tull*, e do *heavy metal*, o grupo começou a deixar de lado a atitude pós-punk para assumir o virtuosismo característico do *progressive rock*. Em seguida, a banda muda o nome para *Duende Roxo*.

INCUBUS



Grupo de *death metal* formado em João Pessoa no final de 1986 por Oliver (vocal), Herbert (bateria), Luiz (guitarra) e George (baixo). O grupo gravou uma *demotape* no dia 30 de maio de 1987, no *show* que fez junto com a banda *Sepultura*, na cidade de Caruaru (PE).

KRUEGER



Banda de *trash metal* formada no final dos anos 80 em Campina Grande por Carlos S. R. (guitarra), Adriano Caminha (vocal/guitarra solo), Alessandro (bateria) e Zé Carlos (baixo/*backing vocal*). Atualmente o grupo chama-se *Sicness*.

LIMOUSINE 58

Essa cuca new wave tem mais que brilhar.

A aventura do *Limousine 58* começa em outubro de 1984, no ginásio de esportes do Liceu Paraibano, como o lançamento do grupo *Mixto Quente*, acompanhado pela banda de baile *Tentáculos*. O grupo foi idealizado e criado por Júlio Charles, que trazia na bagagem uma



Primeira formação do Limousine, quando ainda se chamava Mixto Quente



Capa do compacto simples, lançado em 85 e convite para o concerto de lançamento do compacto na Praça do Povo do Espaço Cultural, em outubro do mesmo ano

certa experiência e relação com o mundo musical na Paraíba. Júlio conheceu Robério Jacinto, Ricardo Fabião, Nildete Fabião e Gell, e então juntaram as informações que cada um trazia na cabeça e começaram a compor suas próprias músicas, com influências que iam do rock, funk, blues, reggae e baladas românticas. Era um mergulho no caldeirão da new wave. O Mixto Quente gravou um compacto simples com as músicas "Vídeo Sonho" (Júlio Charles/João Roberto) e "Colorido Recente" (Ricardo Fabião/Robério Jacinto), que foi lançado em agosto de 1985, já com o nome *Limousine 58*. A mudança do nome ocorreu porque eles descobriram um grupo homônimo em São Paulo, e o *Limousine* pretendia invadir o mercado nacional. Com a mudança do nome eles pretendiam, com isso, passar a idéia de glamour das estrelas

Capa do LP
"Marcou Geral",
lançado em
outubro de 1986.
Embaixo, ingresso
do show de
lançamento do LP



do rock. O 58 era uma homenagem aos pais do rock: Chuck Berry, Little Richard. Estava lançado então o *Limousine 58*. Em 1985, a *backing vocal* Gell é substituída por Wanine Emery, e as meninas passam a ser chamadas de *Ratas Mecânicas*, definindo, assim, a formação da banda. Em outubro de 1986, lançam o LP "Marcou Geral", onde as músicas "Colorido Recente" e "Mistério", tornaram-se *hits* nas rádios locais. O grupo pretendia assinar com uma grande gravadora no sul do país, mas enquanto esse sonho não se concretizava eles seguiam divulgando o disco pelo Estado e em outras capitais do Nordeste. Em 1987, realizam uma curta temporada no Teatro Paulo Pontes, mas já começava a demonstrar sinais de desgaste; o combustível do *Limousine 58* já estava no fim. Júlio Charles tenta continuar o grupo com Robério e Wanini, sem maior repercussão. Após a dissolução do grupo, em 1988, seus integrantes seguem carreira solo.

Capa do programa com
as letras de músicas
distribuído durante o
show. Abaixo, última
formação do *Limousine*
58, com Wanini, Júlio e
Robério, em 1988



MÁFIA

Banda formada na primeira metade dos anos 80, que misturava *hard rock*, *rock progressivo* e *heavy metal*, influenciados por grupos como *Metallica*, *Rush*, *Iron Maiden*, *Black Sabbath* e *Nazareth*. O *Máfia* surgiu no final de 86, formado por Waldir Dinoá (baixo), Waldir Ridlay (guitarra) e Eduardo Pré-Histórico (bateria). O *Máfia* era uma típica banda de garagem que fazia um som pesadíssimo. O primeiro e único *show* da banda foi no teatro Santa Roza, em setembro de 87. Existem registros em cassete de ensaios e ao vivo. O grupo durou um ano.

MARCHA FÚNEBRE

Após a dissolução do *Máfia*, no final de 1987, o guitarrista Waldir Ridlay forma o *Marcha Fúnebre* com seu irmão na bateria e Júnior no contra-baixo. O som do grupo era o *heavy metal* tradicional. Após várias formações, o grupo muda de nome para *Dead March* e acaba.

MEDICINE DEATH

O *Medicine Death* foi formado em fevereiro de 89 pelos irmãos Wilhelm e Williard e o amigo Júnior. A banda, que passou por várias mudanças na formação, tocou em alguns festivais e lançou duas *demotapes*; a primeira, "Schizophrenic Dimension", gravada em fevereiro de 90 num estúdio profissional; a segunda *demo*, "The Other Face", gravada em maio de 91 num estúdio caseiro.

Em agosto de 1992, o *MD* gravou seu primeiro LP, intitulado "Genetic Radioactive Experiments", lançado em 1993 pela Hellion Records. O LP contém nove faixas com letras conceituais onde a ficção gótica é usada para expressar a dor de um ser criado sob as mãos da ciência.

Após a gravação do LP, Júnior deixa a banda. Atualmente o *MD* está com a seguinte formação: Wilhelm (guitarra), William (teclado), Williard (baixo/vocal) e Pablo (bateria).



Correio da Paraíba

O MD ainda com o baterista Júnior (em pé à esq.), ao lado de Wilhelm. Sentado Williard



O Mente Oculta, era, da esq. p/ dir.: Giuseppe (guitarra), Paulo (voz), Juljam (baixo e vocal) e Glauco (bateria)

MENTE OCULTA

O *Mente Oculta* foi formado em dezembro de 1988 no bairro de Jaguaribe, e acabou em meados de 1990, passando a se chamar *Refúgio Sagrado*. A primeira formação foi com Juljam (vocal e baixo), Paulo (vocal), Glauco (bateria) e Guga (guitarra). Com a saída de Paulo, Juljam assume os vocais e entra Giuseppe no lugar de Guga, que deixa o *Mente Oculta* para tocar na banda *Políticos do Absurdo*. Perto da banda acabar, entra o guitarrista Ronaldo, no lugar de Giuseppe, permanecendo esta formação até o final. As influências da banda vinham do pós-punk europeu de grupos como *U2*, *The Smiths* e *Echo and the Bunnymen*. Além de fazer covers dessas bandas e do rock nacional dos anos 80, o grupo também trabalhava suas próprias músicas, misturando política, religião e rock'n roll, uma das características do rock nos anos 80. O *Mente Oculta* não chegou a entrar em estúdio para gravar demotape, mas existe um registro ao vivo gravado durante uma de suas apresentações no Projeto Canta Moçada, em 1990, organizado pelo jornal *Moçada que Agita*.

MÓDULO 3

Após deixar a *Banda Egypto*, onde era o principal compositor, o guitarrista Lauro Meller forma o *Módulo 3*, em 1988. Juntaram-se a ele Wladimir (baixo), Eudes (vocal), Paulo (bateria), que logo seria substituído por Márcio, também baterista da banda *Censura Livre*. No repertório do *Módulo 3* cabiam rock nacional, MPB tradicional, *Beatles* e músicas próprias. Em quatro anos de existência, o *Módulo 3* começou se apresentando em festas na casa de amigos, depois, em festivais



de musicas, calouradas e projetos patrocinados pela Prefeitura de João Pessoa. O *Módulo 3* foi uma típica banda formada para preencher as horas vagas, apenas um passatempo. Ao se dissolver, em 1992, a banda deixou vários registros de ensaios e apresentações ao vivo. Nada que se possa caracterizar como uma *demotape* oficial.

Módulo 3, da esqu. p/ dir. Wladimir (baixo), Lauro (guitarra) e Márcio (bateria)

MÓRIA

O *Mória* é uma das raríssimas bandas surgidas nos anos 80, em João Pessoa, formada somente por garotas. Sob a influência do pós-punk europeu, do *Cure*, *U2*, *Smiths*, *Siouxsie*, *The Cult*



O *Mória*, dos anos 80, fazendo covers do *Cure*, *U2*, *Siouxsie* e rock nacional, mas também adiantando o seu próprio trabalho. Da esqu. para a dir.: Leida (bateria), Gisa (guitarra) e Ninha (baixo)

etc. Gisa (guitarra e vocal), Ninha (baixo) e Patrícia (bateria) começaram a tocar juntas sem um nome definido para a banda. No final de 1988, Gisa se afasta, retomando o trabalho em 1989, com a nova baterista, Leida, e já com o nome *Mória*. Nesse mesmo ano, o *Mória* participa do festival de música do colégio CA. Em 1991, Ninha deixa a banda, entrando em seu lugar Silvânia. Com essa formação o *Mória* se apresenta num festival de rock, em janeiro de 1992, na cidade de Cajazeiras, mas se desfaz logo em seguida. Durante o ano de 1992, Gisa retoma mais uma vez os ensaios do *Mória*, com o guitarrista Fabiano. Entre 1992 e 1993, o *Mória* passa por várias formações relâmpagos, fazendo apresentações na Sala Preta do Departamento de Comunicação Social da UFPB. No final de 1993, o *Mória* grava sua primeira *demotape* oficial, com três faixas. Da gravação participaram: Igor (baixista do *NDA*), Christian (baterista) e Gisa (guitarra e vocal). Em 1994, Gisa leva o trabalho do *Mória* para o Rio de Janeiro. Atualmente o grupo chama-se *TAO*, que está em estúdio gravando uma nova *demotape*. A luta continua...

O *Mória* dos anos 90, fazendo covers do Pixies, Ramones, Nirvana e The Cult. Na foto: Gisa, da formação original. À esq., Fabiano (guitarra), à dir., Ely (baixo) e na bateria, Marquinhos

Na página ao lado, cartaz do *Mória* criado pelo guitarrista Fabiano para o show "Uma noite de muito rock'n roll", realizado na Sala Preta do Departamento de Comunicação da UFPB, em 1993



Mano de Carvalho

NECRÓPOLIS

Grupo de *death metal*, formado em 1996, por Wladimir (baixo), Sidney (guitarra) Tércio (bateria) e Oliver (vocal). A *demotape* *Insane Mutilation*, foi gravada com Hallison no vocal. O grupo durou apenas alguns meses.



NÃO PERCAM! NA SALA PRETA
- NO DEPTO DE ARTES -
SÁBADO (1º DE MAIO) ÀS 20:00HS
"UMA NOITE DE MUITO ROCK'N'ROLL"
VENHA VOCE FAZER PARTE DESSA TRIBO

Capa da
demotape
Depressive
Dementia, de
1990. Em baixo,
foto da formação
que gravou a
demo



NEPHASTUS

DEPRESSIVE
DEMENTIA

EMR
0001

SIDE ONE
1 - ANIMAL
2 - DEPRESSIVE DEMENTIA
3 - ROUSING LIE

SIDE TWO
1 - TORTUOUS WAYS
2 - CONJURER PARADISE
3 - MASSACRA (New Version)

PRODUCED BY NEPHASTUS AND ECS MALUKETI
COVER BY MARCIO (THANKS)
RECORDED IN 8 TRACK AT N.R. STUDIO RECIFE/PE
IN APRIL/MAY 90
ENGINEERED BY NORMANDO, ROGÉRIO AND
NEPHASTUS
MIXED BY ROGÉRIO AND NEPHASTUS
ALL LYRICS BY GILBERTO, EXCEPT * BY YURI
(BEHAVIOR) AND + BY TOM WARRIOR
ALL GUITARS ON DEMO BY GILBERTO

NEPHASTUS ARE:
GILBERTO Jr.: GUITAR AND VOCALS
ALUIZIO FILHO: GUITAR
DAVI LIMA: BASS
TÁRCIO RODRIGUES: DRUMS -

NEPHASTUS
R. São Francisco de Assis, 179
Conceição - C.E.P. 58.100
Campina Grande-PB - Brasil - Fone: (083) 321-5286

ECS MALUKETI
R. Barão do Abaí, 39 - Lt. 12, 13
CEP 58.100 - Campina Grande-PB
RECORDS Fone: (083) 322-2445

NEPHASTUS

Banda de *death metal* formada na segunda metade dos anos 80 na cidade de Campina Grande por Gilberto Júnior (guitarra/vocal), Aluizio Filho (guitarra), Davi Lima (baixo) e Tárccio Rodrigues (bateria). A primeira *demotape* da banda, *Depressive Dementia*, foi gravada entre abril e maio de 1990, no estúdio NR, em Recife, com seis faixas. Esta *demo* foi produzida pela banda e pela loja de discos Ecs Maluketii de Campina Grande.



O Norte



NIDO LOBO

Nido Lobo fez escola no grupo performático *Língua*, onde aprendeu a misturar teatro, música, poesia e mil absurdos. Ele avançou os espaços estéticos do palco, fazendo da poesia um canal para a sua verve jornalística e para sua capacidade performática. O trabalho de Nido Lobo ocupava os espaços alternativos da capital João Pessoa dos anos 80, participando de vários festivais de músicas no Estado, sempre causando polêmica, a exemplo da música "Lobo Mau", que ele e seu parceiro Arthur Silva defenderam no V MPB SESC de 1990.

O último trabalho de Nido Lobo foi com a também irreverente e polêmica banda de rock *SOS*, dentro do projeto Música no SESC, em março de 1991, com o show "Era Apocalíptica". A base do seu trabalho era rock, blues e baladas, com a sensibilidade de quem conhece as almas que vagam pelo coração da cidade.

Programa do show "Era Apocalíptica" com a banda SOS, realizado no SESC, em 1991

OLHOS VERMELHOS

Banda de *death metal* formada em 1989, durando apenas quatro meses. O *Olhos Vermelhos* era Oliver (vocal), Waldir Ridlav (guitarra), Gisa (guitarra), Leida (bateria) e Ninha (baixo).

sexta-feira 22 às 19 horas
NA ÁREA DE LAZER DO SESC

Nido Lobo e Banda SOS
em
ERA APOCALÍPTICA

realização
MÚSICA NO SESC

PATRULHA NOTURNA

Banda formada na segunda metade dos anos 80 por Léo (guitarra/voz), Lula (bateria), Farinha (teclado/baixo) e Edward (guitarra). O *Patrulha* fazia covers do rock nacional além de músicas próprias. Na última formação do grupo, com o vocalista Ramon Bronzeado e o guitarrista Deca, o grupo se destacou no 1º festival da canção do IPE, em 1988, com a música "Reguem a Terra". O grupo se dissolve em 1988, quando o guitarrista Edward deixa o *Patrulha* para tocar na banda *Egypto*.

THE PHEFE'S

Banda cover de rock nacional formada em meados dos anos 80, no conjunto dos Bancários. A pronúncia correta do nome da banda é *The Fezes*. O grupo atualmente chama-se *Rasta Men*, e como o nome sugere, tocam *reggae*, animando os fins de semana em clubes e bares.

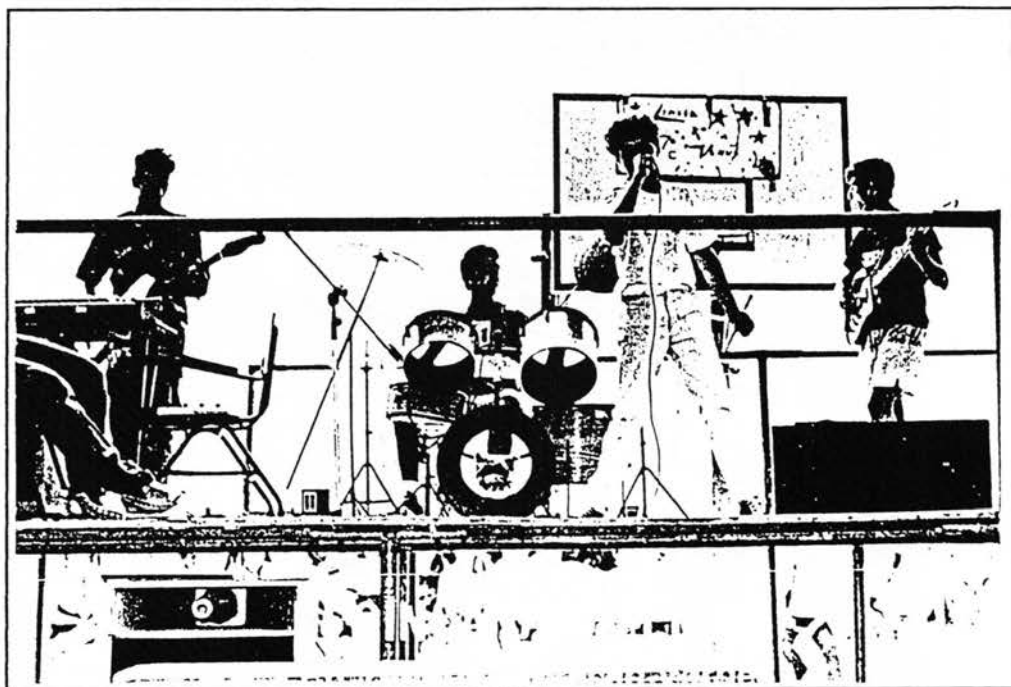
PRISMA

Formada em 1983 por Júnior Espínola (guitarra) e Billy (percussão) a banda *Prisma* durou pouco tempo, para voltar em dezembro de 1995 com Washington Espínola (guitarra/voz), Tarcísio (bateria/vocal) e Rinaldo (baixo). O

nome *Prisma* é relacionado ao fenômeno físico da refração da luz a partir da figura geométrica do prisma gerando o arco-íris. O som do grupo tinha influências dos *Beatles*, *Led Zeppelin*, *Maravishnu Orchestra*, George Benson e Jean Luc Ponti. A primeira *demotape* do *Prisma* foi gravado em 1983, no estúdio da FM Universitária, com as faixas: "Hipnose", "A la Francesa", "Prismatização" e "Soft Funk". Essa *demo* foi incluída na programação da Rádio Universitária e no programa *Jam Session*. A base criativa da música do *Prisma* vinha do improviso seguindo um esquema bem característico do *jazz*. As apresentações aconteciam em bares, onde incluíam no repertório o rock nacional e a MPB. O *point* dos shows do *Prisma* era o Clube da Esquina, na praia de Tambaú.



Washington Espínola inaugurando o jazz-rock em João Pessoa com a banda *Prisma*



PROTHEUS

Em grego, *Protheus* quer dizer germe que come cadáver, mas no vocabulário da civilização moderna pode ser um termo empregado na informática. A banda surge em 1986, formada por Jamacy (vocal/baixo), Marcos Maurício (guitarra) e Beto (bateria). Jamacy deixa o baixo que é assumido por Bá e a banda segue em frente fazendo *covers* do *rock* nacional, principalmente do *Camisa de Vênus*, e começam a surgir as primeiras músicas da banda, como "Caminhos Estranhos". Gustavo é substituído por Vampiro(guitarra) e Bá assume a bateria, entrando Kiko (baixo). Após algumas semanas, entra Marcelo Macedo (guitarra). Com essa formação: Jamacy (vocal), Marcos Maurício (guitarra), Marcelo Macedo (guitarra) Kiko (baixo) e Bá (bateria), o grupo começa a fazer apresentações pela cidade, culminando com a abertura para o *Fantasma da Guerra*, no Travessia Bar. Daí em diante, começa a fazer *shows* sozinho e o primeiro acontece no bar gay 24 Horas. Em 1987, a banda se apresenta no Teatro Santa Catarina, em Cabedelo, em Patos e no II MPB SESC com a música "Anjo Louco". No final de 1987, entra Marcos Ruffo (baixo), o grupo grava uma *demotape* caseira, com duas músicas da banda e o restante de *covers* e encerra suas atividades. No início de 1988, Jamacy, Marcelo Macedo e Marcos Ruffo se reúnem novamente para formar o *Sombras Dolentes*.

Protheus se apresentando na gin-cana do colégio IPEP, em 1987. Da esq. p/ dir.: Marcos Maurício (guitarra), Bá (bateria), Ja-macy (vocal) e Marcos Ruffo (baixo)

B . A . N . D . A

PROTHEUS

24 HORAS Bar
LOCAL
13/2/87
DATA
23 HORAS
HORA

COMPONENTES
 vocal- JAMACY e BARTIRA
 guitarras- MARCOS (base)
 WANDER (solo)
 contra baixo- KIKO
 bateria- BÂ-TÉRA

CONTATOS: (083) 224-6770 224-7365 222-2701

Cartaz anunciando show da banda Protheus no bar gay 24 Horas

QI-10

A bossa do rock

Antes de formar o QI-10, o seu mentor Assis Antônio era um ouvinte assíduo de rádios FM. O mais forte nessa relação com o rádio era a sua identificação com o tipo de música que rolava na época: o rock nacional. Essa era a melhor forma de passar as tardes na tranqüila João Pessoa dos anos 80. Mas Assis não ficou apenas no pé do rádio, botou o verbo pra fora e começou a compor as suas próprias músicas e a participar de festivais em colégios. Foi participando de festivais que ele conheceu os outros integrantes que vieram se juntar a ele no QI-10, em 1987. Em 1988, o QI-10 muda de nome, passando a se chamar

Orion. O grupo durou menos de um ano, mas animou muitas gincanas e karaokês nos colégios de João Pessoa. No repertório da banda, músicas próprias e muito *rock nacional*.



Carlos Azevedo

Assis Antônio, do QI-10 à carreira solo, uma trajetória eclética

RAZE

Banda pessoense formada em meados dos anos 80 por Tárzio Senzala (vocal), Wladir Ridlay (guitarra), Gisa (guitarra), Leida (bateria) e Niinha (baixo).

RESTOS DE SUBÚRBIO

Banda *punk* formada no final dos anos 80, na zona sul de João Pessoa. Atualmente eles fazem *cover* do *Legião Urbana*.

RESTOS MORTAIS

O *Restos Mortais* foi formado em agosto de 1986 por Kiko (guitarra), Ney Brito (baixo) e Lúcius (bateria), fazendo um *crossover* entre o *punk*, *hardcore* e *metal*. O primeiro *show* aconteceu em Recife, no encontro anti-nuclear com outras bandas *punk* da região. Ainda em 1986, eles gravaram duas *demotapes* caseiras: a primeira sem título e a segunda chamada *Sociedade Caótica*. Em 1987, juntamente com a banda *Nephastus*, o *RM* abre o *show* do *Sepultura* no CEU (Clube do Estudante Universitário), em Campina Grande.

O ano de 1988 começa com a saída do baterista Lúcius, que foi substituído por Serguei Medeiros, permanecendo na banda até o seu



Acima, logotipo da banda. Ao lado, a RM numa apresentação na porta de uma loja de discos em Campina Grande. Da esq. p/ dir.: Ney (baixo), Kiko (guitarra/vocal), Lúcius (bateria) e Wladimir (guitarra)

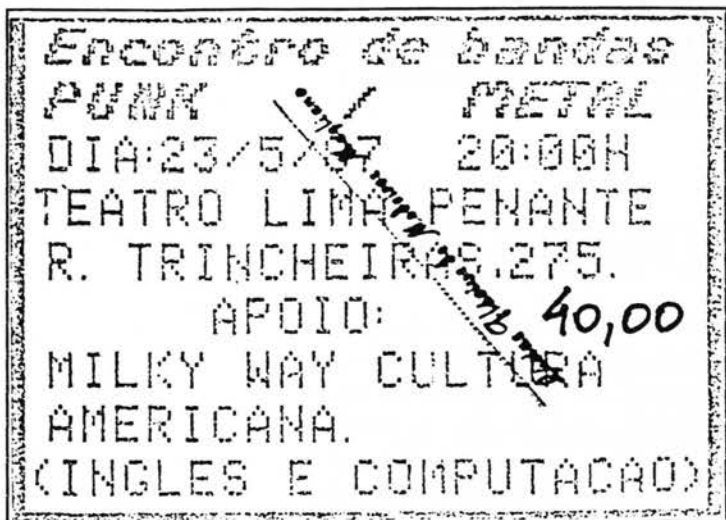
final. Nesse mesmo ano entra o guitarrista Wladimir, que fica até meados de 1991. O último integrante a entrar no RM é Flávio, que assume os vocais mas sai após alguns meses. Depois de várias formações, o Restos Mortais fica assim: Ney (baixo), Kiko (guitarra/vocal) e Serguei (bateria).



A banda participa de dois vídeos produzidos pelo NUDOC - Núcleo de Documentação Cinematográfica da UFPB. O primeiro foi *Rock, Suor, Skate*, onde a banda é o enfoque principal. O vídeo foi dirigido pela jornalista Olga Costa, onde ela traça uma relação entre o skate, e o som que eles faziam. No segundo vídeo, dirigido por Bertrand Lira e Everaldo Pontes, intitulado *Tão sentindo cheirinho de queimado?*, a banda é uma das participantes do polêmico embate entre punks e headbangers. Algum tempo depois, outras influências como *Slayer*, *Megadeth* e

Metallica acrescentaram a batida trash ao som da banda, que já tinha como influências o punk e o hardcore do *Dead Kennedys*, *Sex Pistols*, *Suicide Tendencies* e *Exploited* caracterizando suas músicas com a segurança e rapidez do bom crossover.

As letras do RM abordavam os vícios, o desespero, as guerras. A última demotape da banda foi gravada ao vivo em 1991, no II Paranoid Rock Festival, realizado em Recife. O grupo encerrou as suas atividades em 1994, realizando seu último show no Bar Nautilus Submarino, num tributo que as bandas locais fizeram aos *Ramones*.



Ingresso de um dos shows que o Restos Mortais realizou com bandas punk e heavy metal, em 1987



Capa da demotape "Sociedade Caótica", de 1987, do Restos Mortais

SERPENTE

Banda de *hard-rock* formada em 1984 por Léo (baixo) e Roberto (guitarra), tendo mais tarde na sua formação Zé Filho (guitarra), Lula (bateria) e Paulo (vocal). Além de músicas próprias, o grupo fazia cover de *Iron Maiden*, *Black Sabbath* e *Van Halen*. O grupo durou até o início de 1987, quando Zé Filho e Léo foram convidados para fazer parte da banda que acompanhou o *Limousine 58* nos seus últimos shows. Em João Pessoa, o *Serpente* realizou shows no Sesc e em barzinhos. Em agosto de 1988, a banda participa da Segunda Coletiva de Rock, realizada no Forró dromo de Campina Grande, juntamente com as bandas *Ira Metálica*, *Albatroz*, *Pupila Dilatada*, *Clã de Athenas* e *Necrópolis*, um evento promovido pelo Diretório Central dos Estudantes - DCE, do Campus II da UFPB.

SHOCK

Banda formada no fim dos anos 70, em João Pessoa (PB) pelos irmãos Carlos Roque (bateria, vocal), Paulo Roque (baixo), Marcos e Edgard Roque (guitarra), influenciados por grupos como *Black Sabbath*, *Led Zeppelin*, *Deep Purple*, *Rush*, entre outros.

Paulo Roque (baixo), Américo Caldeira (vocal), Carlos Roque (bateria) e Edgard Roque (guitarra)



Na época tocavam músicas dos grupos citados acima, conquistando assim um número cada vez maior de admiradores lotando os *shows* que a banda realizava.

No início de 80 Marcos afasta-se da banda para seguir outro ofício, passando assim a formação trio. Em conseqüência, os irmãos dão uma pausa nas atividades para revitalizar e retornar em 83 com novas influências de bandas como *Judas Priest*, *Iron Maiden* *Saxon*,

Motorhead... Com as crescentes apresentações, sentia-se a necessidade de um vocalista à frente para melhor divisão dos trabalhos. Após entradas e saídas de alguns vocalistas, a banda se estabiliza com a entrada de Américo em 85, dando um novo impulso às atividades, passando a excurcionar por cidades do interior e fora do Estado, tocando agora composições de própria autoria.

Em 88 gravam uma *demo* oficial com seis músicas, entre elas "Insônia", incluída na coletânea do primeiro disco *Aquarius*, lançado em março de 91. Neste mesmo ano recebem a proposta do produtor Luziano (Whiplash) para gravarem um LP na língua inglesa. *Shock* fez uma seleção das suas melhores composições, traduziram para o inglês e escolheram o estúdio Estação do Som, em Recife (PE), onde foram gravadas as nove músicas do LP *Heavy Metal We Salute You*, em agosto, utilizando um total

HEAVY METAL (WE SALUTE YOU)

If you think
That rock'n roll is dying
Don't be fool and pay attention
Rock is endless and deathless life
"Cause it's the son of the universal
Force

Heavy metal (we salute you)
Heavy metal
Heavy metal (we salute you)
Heavy metal

Turning on
The radio or tv
You'll see a fool guy singing mpb
I've just got here and everything
Is gonna change
With the guitar a rock i'll play

Heavy metal (we salute you)
Heavy metal
Heavy metal (we salute you)
Heavy metal

Turning on
The radio or tv
You'll see a fool guy singing mpb
I've just got here and everything
Is gonna change
With the guitar a rock i'll play

Heavy metal (we salute you)
Heavy metal
Heavy metal (we salute you)
Heavy metal

Heavy metal
Heavy metal
Heavy metal (we salute you)



Letra do LP *Heavy Metal We Salute You*

de 28 horas entre gravações e mixagem.

Sendo a primeira banda a tocar *heavy metal* em João Pessoa (PB), durante esses anos de estradas fizeram *shows* nos mais diversos locais como teatros, bares, ao ar livre e em importantes festivais, mostrando sempre competência, fidelidade e profissionalismo pelo qual a *Shock*



encara o ofício de tocar o mais puro *heavy metal* dentro dos padrões conceituais. A formação atual da *Shock* é: Edgard (guitarra), Carlos (Bateria), Américo (vocal) e Paulo (Baixo).

* Texto retirado do release produzido em 1991 para acompanhar a divulgação do LP *Heavy Metal We Salute You*.

A banda Shock se apresentando no Ponto de Cem Réis, centro de João Pessoa, no início dos anos 80, com a formação trio



A banda Shock na segunda metade dos anos 80, com o vocalista Américo (primeiro à esquerda), comemorando dez anos de estrada, no Teatro Santa Roza



O SA com
Maurício,
Eduardo, Nilson
e Zé Filho

SOCIEDADE ANÔNIMA

O Sociedade Anônima surgiu entre o final de 1987 e início de 1988. O grupo já nasceu sob o rótulo de banda para mauricinhos e patricinhas, pelo fato do seu líder, Maurício Burity (baixo) ser filho do então governador do Estado da Paraíba, Tarcísio Burity. Em três anos de existência, o grupo gravou um disco independente - *Pessoas Anônimas*. Deste LP, emplacou o hit "Garota Prodígio" na FM locais. Do LP *Pessoas Anônimas* desta-

ca-se também a faixa "Medo de Viver", que faz uma síntese do disco.

Os outros integrantes do S.A. eram: Zé Filho (guitarra), Eduardo (bateria) e Nilson (teclados), sendo substituído mais tarde por Betinho, durante a gravação do LP. As influências da banda eram *rock progressivo* e *new wave*. Na primeira formação do S.A., fazia parte o guitarrista Zé Carlos, da banda *Tentáculos*. O grupo se dissolveu em 1990.



O SA com Nilson,
Zé Carlos, Eudes e
Maurício

MEDO DE VIVER

Maurício Burity

Fico o dia inteiro em casa
Assistindo televisão
Os momentos são curtos
Não têm duração

Fecho a porta do meu quarto
Acendo a luz da esperança
Apago a vida e tudo fica mudado (ô ô)

Você sabe como eu sinto
Não tenho medo meu irmão
As imagens vão passando
Nos filmes de televisão

O presente é tão curto
Não tenho nenhuma solução
As verdades são ditas
Nas aparências do ser

As crianças estão na rua
Procurando aqui viver

As crianças estão na rua
Procurando aqui viver.
As crianças estão na rua
Procurando viver.
As crianças estão na rua
Procurando o quê?

Refrão -

SOMBRAS DOLENTES

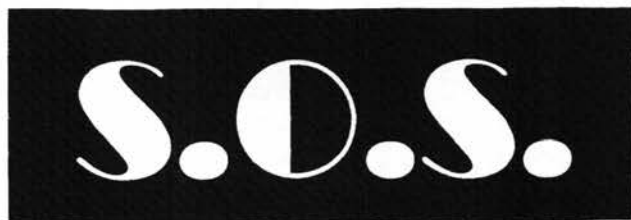
Não pisem na grama da praça

O *Sombras Dolentes* surgiu no final de 1988 numa colourada da área de saúde da UFPB, com a seguinte formação: Jamacy (voz), Marcelo (guitarra), Marcos Ruffo (baixo) e Bá (bateria). Após esse primeiro *show* entra Sidcley (bateria). Com essa formação o grupo começa uma série de *shows* pelo interior do Estado em festas populares e colégios, sempre buscando um estilo próprio e apresentando um som pesado, mas sem desprezar sensíveis melodias. As letras falavam da maioria dos adolescentes, da solidão, da paixão pelo irreal, da luta por paz e liberdade. Em síntese uma verdadeira mistura de ódio e amor à procura de uma razão existencial. As principais influências do *Sombras Dolentes* eram *rock* progressivo e pós-punk. Em março de 1989 o grupo grava a sua primeira *demotape* no estúdio DB-3, em Recife, com a faixa

“Não pisem na grama da praça”. A letra relata um episódio de violência, onde a polícia espancou estudantes nas ruas durante uma passeata em João Pessoa. Em 1990, entra o tecladista Sérgio Augusto (*Censura Livre*) e o baterista Paulo Roberto. A segunda *demo* do SD vem ainda em 1990, com duas músicas: “Falsos Padres” e “Restos de Vida”. O *Sombras* atuou nos principais palcos abertos para o *rock* da Paraíba, nos anos 80, como o Palco Bar, o Bar da Pólvora e encontros de bandas. Em 1991, o vocalista Jamacy anuncia o fim da banda, em entrevista concedida à imprensa local.



O Norte

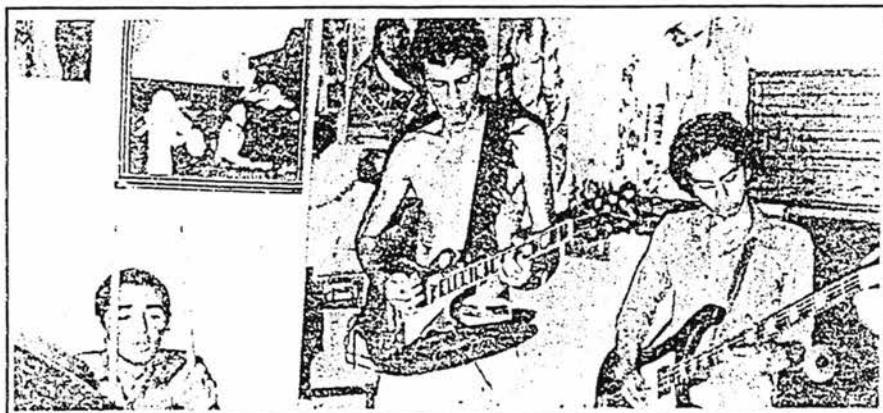


Formada em 1988, no conjunto Funcionários II, zona sul da cidade, a banda fazia um som com influências muito fortes do pós-punk, com pitadas de *rock* progressivo. As letras do S.O.S. abordavam temas relacionados ao pós-guerra fria e a decadência do sistema capitalista. Após várias formações, o grupo definiu-se com a seguinte formação:



O S.O.S. com dois integrantes a mais do que sua formação original.

Társis ensaiando para estréia do show no Teatro Santa Roza. Na foto, Paulo Roque (bateria), Georges Grimauld (guitarra) e Waldir Dinoá (baixo)



Abaixo, Alexandre, Onofre, Walter e Humberto. Super-amigos?



Sérgio Suga (voz), Dinho (guitarra), Lito (baixo) e Casca (bateria). Com essa formação o S.O.S. percorreu o cenário musical de João Pessoa até o encerramento de suas atividades, em 1992. A banda possui alguns registros de gravações feitas durante os ensaios. Depois do S.O.S., uma parte dos integrantes formou o *Sun Flowers* e em seguida o *Vende-se*.

TÁRSIS

Banda de *jazz-rock* com pitadas de progressivo, formada em dezembro de 1981 por Georges (guitarra), Paulo Roque (bateria) e Waldir Dinoá (baixo). O som do Tárzis era basicamente instrumental. O primeiro show da banda foi realizado em abril de 1982, no Teatro Santa Roza. O Tárzis faz parte de uma leva de grupos que surgiram em João Pessoa no início dos anos 80, com influências fortíssimas do *rock*

americano e europeu dos anos 70. O Tárzis durou só mais um ano depois da saída de George, no final de 1982.

ÚLTIMA DIMENSÃO

Banda pessoense formada no final dos anos 80, com influências da *new wave* e do *pós-punk*. O grupo durou até o final de 1990. O guitarrista Walter entrou para o *Metálica Cover*, que depois passou a se chamar *Metal Brain*.



O Utopia estreando no II Fest Verão. Acima, Zé Augusto (guitarra), Gustavo Magno (baixo) e Júlio (bateria). Utopias

UTOPIA

Em terra de cego...

Banda pós-punk originada dos grupos *MR-0* e *Soldados do Rock*. O *Utopia* foi criado em 12 de novembro de 1989 no Fest Verão, na praia do Cabo Branco, com Gustavo Magno (baixo), Zé Augusto (guitarra), Luciano (vocal) e Júlio (bateria). Por um acaso, o nome *Utopia* foi escolhido nesse mesmo dia. A banda tinha uma proposta de tocar *rock'n roll*, fazendo um som pesado com influências de grupos como *Titãs* e *Iron Maiden*. Mas Gustavo Magno (baixista e letrista) tinha como fortes influências a MPB, principalmente Belchior e a *new wave* brasileira. As músicas do *Utopia* falavam de política, relacionamentos humanos, ideologias, questões ambientais e sociais. Em julho de 1991, o grupo grava sua primeira *demotape* com as faixas "Marcas" e "Angra Um". Em setembro de 1991, encerram suas atividades.

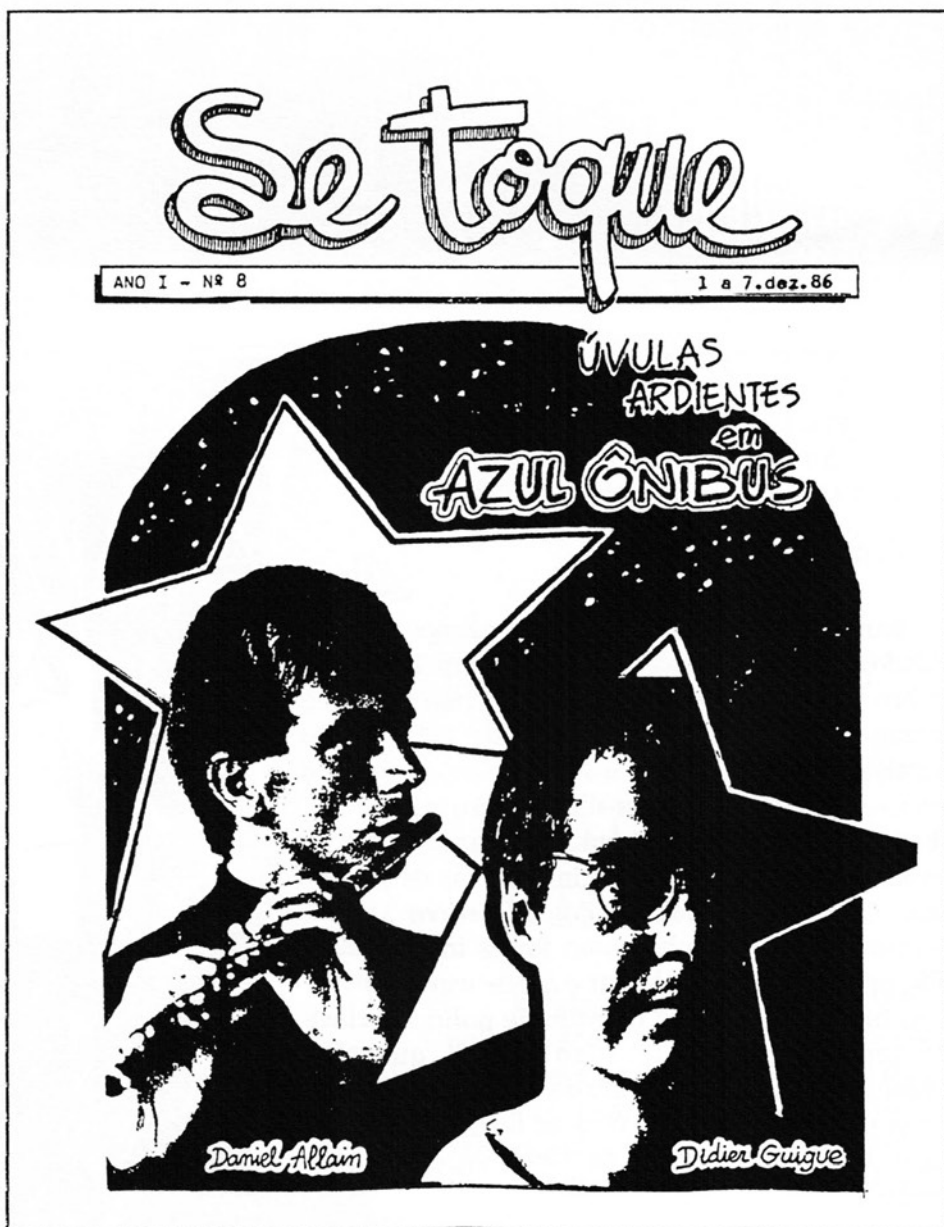


Arquivo da banda

ÚVULAS ARDIENTES

Formado na segunda metade dos anos 80, em João Pessoa, pelo francês Didier Guigue e pelo paraguaio Daniel Allain, o *Úvulas Ardientes* nadava na praia do *rock* progressivo, mesclando instrumentos como baixo, teclados, fagote, contra-fagote, flauta contrabaixo, flauta transversal e sax-tenor.

Apesar da formação erudita, o *Úvulas Ardientes* flertava com a música pop e com os movimentos de vanguarda, produzindo música contemporânea. Um dos principais *shows* realizados pelo grupo foi o "Azul Ônibus", que aconteceu no Planetário do Espaço Cultural, em dezembro de 1986.



Capa da revista de informação cultural *Se Toque*, com destaque ao show do *Úvulas Ardientes*

WASHINGTON ESPÍNOLA TRIO

Nascido Luiz de Queiroz Espínola, ainda garoto, trocou o esporte pela guitarra que ganhou de presente de sua irmã. Recebeu as primeiras influências do som que tomou conta dos anos 60 e revolucionou a música *pop* (*Beatles*). Sua carreira começa em 1980, como instrumentista influenciado pelo primo Júnior Espínola (guitarrista) que o acompanhou por muito tempo em seus *shows*, fazendo segunda guitarra.

Washington incorporou um outro elemento no seu trabalho: a improvisação, característica que definiria o seu estilo como músico de *jazz-rock*. Sempre trabalhando em trio, formado pelo tripé básico do *rock* (baixo, bateria e guitarra), seu primeiro grupo foi a banda *Prisma*, onde ele já dava sinais do seu estilo e da música que desenvolveria com outras formações, também em trio, após o *Prisma*. Em 1989, estreia no Projeto Boca da Noite, no Teatro Santa Roza, sob o nome *Washington Espínola Trio*, formado por Glauco (bateria), Sérgio Galo (baixo) e Washington (guitarra). O trio participou da gravação de discos de grupos locais, de *jingles* e do primeiro LP do cantor campinense *Capilé*.

Nas suas apresentações em casas noturnas e bares, além de seu próprio trabalho, Washington mostra tudo o que faz seu gosto musical. Em 1991, ele participa da coletânea *Aquarius I*, com a faixa "Fase III" e logo depois lança seu primeiro LP, *Manáira*. Após uma temporada em São Paulo, ele retorna e grava o seu segundo disco, o CD *Quintal de Infância*, em 1994. Atualmente Washington mora na Suíça, onde já gravou mais dois discos e Sérgio Galo é proprietário de um estúdio em João Pessoa, além de exercer suas atividades como músico.



Antonio David/Mocada que Agila

Washington Espínola
Trio, fusion *instru-*
mental

GLOSSÁRIO

Boys

descobrir

ideias

Quem está

sem saber? objeto

parando

PULTURA

TK

DSE

DR

UNDERGROUND
INFEDIAL
NECROD
EERETI
STUS

INFERNAL NOISE

DEATH METAL

FRGD
THORY

DES
NEPH
MAYH

AGEL
MAGIA
IAL WAY
ASSAC
ERMINAL
MUTILAY
NECRO
BP



Balada — Música com andamento e melodia suaves.

Bossa Nova — Estilo surgido no final dos anos 50, no Brasil, com influência forte das harmonias do *jazz* e uma simplificação da batida do samba, o abandono do estilo operístico de cantar e do rebuscamento dos versos.

Carecas — Simpatizantes do movimento nacionalista. Sua música predileta é o *hard-oi*.

CD — *Compact Disc* - "disco compactado". Chamado também de disco laser, o CD foi lançado na década de 80 pela Phillips como eventual substituto para o LP de vinil. Sua gravação é digital e a leitura ótica, feita pelo raio laser.

Cover — Interpretação, fiel ou não ao arranjo original, que uma banda ou cantor faz de uma canção composta por outra pessoa.

Crossover Metal — Fusão de *heavy* e *hard-core*.

CS — Abreviatura de Compacto Simples. Disco com uma ou duas músicas produzido para as rádios.

DAT — Abreviação de *Digital Audio-tape*. Fita cassete de gravação digital, só não foi lançada comercialmente (ainda) porque teme-se que acabe com os CDs.

Death Metal — "Metal da Morte". Termo corrente para o que se costumava chamar *Black Metal* - "Metal Negro". Som "podreira".

Demo ou Demotape — Abreviação de *demonstration tape* (fita de demonstração). Utilizada por bandas iniciantes para apresentar seu repertório.

Dinossauros — Termo usado para designar artistas ou bandas com muitos anos de estrada.

Fanzine — Contração de *fan* e *magazine* (revista). Publicação feita artesanalmente por fãs e para fãs de um determinado gênero, estilo ou artista.

Funk — Consta que o termo pertencia à linguagem chula dos EUA, para designar algo como "cheiro de negro". Musicalmente, foi uma remodelagem do *rhythm'n'blues* - com ênfase total no ritmo - executa-

Glossário da por James Brown no início dos anos 60, com seu hit "Make It Funky".

Fusion — Fusão. Os músicos de *jazz-rock* preferem este termo para definir o que fazem. Tudo começou nos anos 60, pelas mãos de Miles Davis (nos EUA) e do grupo *Soft Machine* (na Inglaterra).

Gay — Termo utilizado para designar pessoas do "terceiro sexo" (lésbicas e homossexuais).

Hard-Core — "Casca Grossa". Literalmente, "caroço duro" (termo também utilizado para designar filmes de sexo explícito). Ramificação californiana do *punk* e sua versão mais crua, agressiva, acelerada e compacta; as músicas não costumam durar mais que dois minutos cada.

Hard-Oi! — Variante *punk* favorecida pelos carecas nacionalistas crua e acelerada como o *Hard-Core* californiano e, como este, uma furiosa reação ao aburguesamento *new wave* do bombardeio inicial do movimento *punk*. No Brasil, este gênero foi assimilado pelos simpatizantes do movimento nacionalista.

Hard-Rock — "Rock Duro", ou "Pauleira". Básico, porém hiper-amplificado, foi (nos anos 60) o pai do *Heavy Metal*.

Headbanger — "Batedor de Cabeças". Apelido dos fãs de *Heavy Metal*, pelo movimento que fazem com a cabeça, acompanhando o bumbo da bateria. Alguns chegam realmente a dar com a cabeça na parede ou na quina do palco.

Heavy Metal — "Metal Pesado". Na virada dos anos 60 para os 70, deu-se o casamento entre o *Hard-Rock* e os *Blues* acelerados e psicodélicos de trios como o *Jimi Hendrix Experience* e o *Cream*. O instrumento chave é a guitarra, distorcida e amplificada ao máximo. Dizem que o batismo veio quando o crítico americano Lester Bangs emprestou o termo de um livro de William Burroughs para aplicá-lo ao *Led Zeppelin* (grupo que cristalizou o gênero).

Hit — "Golpe", "Acerto". Canção que chega até as Dez Mais das Paradas de Sucesso.

lê, lê, lê — Designação par ao tipo de *rock* feito na primeira metade dos anos 60, no Brasil pela Jovem Guarda.

Movimento Nacionalista — Movimento surgido no Brasil na década de 80, contrário ao Anarquismo, que defende em seu discurso a proteção da soberania e da riqueza nacional. Seus simpatizantes atendem por "Carecas".

New Wave — "Nova Onda". Termo mercadológico criado por executi-

vos americanos para substituir o mal-visto e temido *punk*. Teoricamente englobaria - isso ainda em 77 - as bandas *punk* inglesas e os precursores novaiorquinos do *punk* (*Ramones*, *Television*, *Voidoids*, *Patti Smith*, *Blondie* e *Talking Heads*).

Oi! — Saudação, quase o mesmo que “ôi”, popular entre o proletariado britânico. No Brasil tornou-se popular principalmente na região do ABC paulista, culminando com o surgimento do gênero *Hard-Oi!*.

Pop — Abreviação de "Popular". Música de mercado. Para ser vinculada em compacto, através das rádios; não deve ter mais de 3 ou 4 minutos de duração. Em 99% dos casos, a canção não dispensa um refrão que grude na memória do ouvinte e que ele possa cantar junto.

Pós-Punk — Os leigos costumam confundir com *new wave*. O que aconteceu foi que, entre 77 e 79, o sopro de vida injetado no *rock* pelo *punk* frutificou numa verdadeira selva de estilos e pesquisas de ritmo e efeitos de gravação, com desdobramento pelo *funk*, pelo *reggae* e o *ska* - mas sem esquecer da economia de recursos, nem a ênfase à guitarra, nem a militância política nem a postura antimercantilista diante da indústria pop.

Progressive Rock — "Rock Progressivo". Com *Sgt. Pepper's (67)* dos *Beatles*, o *rock* ganhou um novo *status*, o de "linguagem artística", o que virou carta-branca para experimentações e fusões variadas, muitas vezes pilhadas do *jazz* e da música erudita.

Punk — "Vagabundo", "desqualificado". Uma verdadeira revolução na indústria fonográfica. Quando em 1975, os *Sex Pistols* surgiram com um *rock* cru e agressivo, diametralmente oposto ao progressivo que vigorava, muitos cépticos podem ter dito: "mas isto Iggy Pop já fazia com os *Stooges* em 1969!". Mesmo assim, foram seguidos por um verdadeiro batalhão de bandas, fanzines e selos independentes. Musicalmente, evolui para uma necessidade de, com baixo custo e alta energia, criar um estilo original para cada banda e uma atitude independente diante da indústria e da mídia.

Reggae — Ritmo jamaicano surgidos nos anos de 60 e popularizado no mundo inteiro na década seguinte por Bob Marley. A guitarra é percussiva, o baixo melódico sobre uma batida sincopada e desacelerada.

Rock — Abreviação de *rock'n'roll*, passou a ser utilizada em meados dos 60 quando o gênero atingiu uma maturidade "intelectual" (não mais adolescente) multifacetada, incorporando o *funk*, *ragas* indianas, *reggae*, *soul*, *jazz* etc. etc.

Rockabilly — "Rock'n'roll caipira". Termo surgido em Memphis, Tennessee, no ano de 1954. Casamento do *rhythm'n'blues* em que não é preciso mais do que uma bateria prato-caixa-bumbo, um baixo de

Glossário pau e uma guitarra limpa, sem distorção, com um vocalista alucinado mastigando a letra com seu sotaque do sul dos EUA e gritando "go, cat, go" durante os solos.

Rock'n'roll — Tradução aproximada: "deitar e rolar". Nas letras de *blues*, era um termo comum para designar embates sexuais. O DJ Alan Freed pegou a deixa e batizou assim o *rhythm'n'blues* em seu programa de rádio, muito popular entre os adolescentes americanos em meados dos anos 50.

Ska — Ritmo nascido na Jamaica dos anos 60, inicialmente consagrada com o grupo *Skatalites*. É um dos ancestrais "ligeiros" do *reggae*, e mais tarde foi curiosamente adotado por tribos do *punk* inglês - principalmente os *Skinheads* - dando origem ao *two-one* (movimento de bandas multiraciais de conotação antiracista).

Tecno-Pop — Ritmo surgido no final dos anos 70. Pop leve e dançável repleto de sintetizadores, parente consangüíneo da *Disc-Music*.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo, Moderna, 1990. (Coleção Polêmica)
- DOLABELA, Marcelo. *ABZ do Rock Brasileiro*. São Paulo, Estrela do Sul, 1987.
- ROCK, *A música do Século XX*, Coletânea de textos de vários autores. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984.
- RUIZ, João Álvaro. *Metodologia: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo, Atlas, 1985.

REVISTAS

- Bizz*. São Paulo, Editora Abril, 1994.
- General*. São Paulo, Nova Sampa Diretriz, 1994.
- Rock Espetacular*, Guia Oficial Rock in Rio II. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1991.

JORNAIS

- Correio da Paraíba*. João Pessoa, 1980/1989.
- O Norte*. João Pessoa, 1980/1989.
- A União*. João Pessoa, 1980/1989.

ANEXOS



TÃO SENTINDO UM CHEIRO DE QUEIMADO?

UM VÍDEO DE
BERTRAND LIRA
&
EVERALDO PONTES



LOCAL: BAR DA PÓLVORA
DIA : 31/JAN 20 HORAS

KAUAI
SURF SKATE SHOP

A Paraíba não é somente a terra do forró

ANA TRAJANO

Tão Sentindo Um Cheiro de Queimado?, vídeo de Bertrand Lira e Everaldo Pontes sobre o rock paraibano, será mostrado hoje, às 20 horas, no Bar da Pólvora. São quase 35 minutos de rock - heavy metal, punk e hardcore -, informação, tretas e bate-boca. O trabalho é resultado da premiação de um roteiro no I Concurso de Projetos de Vídeo promovido pelo Nudoc (Núcleo de Documentação Cinematográfica) da Universidade Federal da Paraíba, em agosto do ano passado. O projeto de Bertrand e Everaldo ficou com o segundo lugar. A premiação consistia de empréstimo de equipamento (câmera, iluminação e ilha de edição) e doação de cassetes para as gravações.

Tão Sentido Um Cheiro de Queimado?, foi gravado entre setembro e novembro do ano passado em João Pessoa, iniciando com o registro do II Buraco Suburbano - um encontro de bandas punks no Teatro Cilaio Ribeiro. O vídeo aborda não apenas o trabalho musical de sete bandas de rock, punk e heavy metal, como também a opinião e idéias de seus integrantes, fãs e pessoas envolvidas no movimento de rock marginal (no melhor sentido) de João Pessoa, cuja ressonância atinge a vizinha Campina Grande.

A banda Nephastus, por exemplo, desenvolve seu trabalho aqui, mas seus músicos vêm de outra Capital, a do forró. Além da Nephastus, estão no vídeo a Desordem Armada, Aberração Sonora, Disunidos, Danger, Medicine Death e Restos Mortais.

Esse movimento de rock underground, que já tem aproximadamente quatro anos, passou todo esse tempo à margem da mídia local. Apenas o Jardim Elétrico, programa da Universitária FM especializado em rock e cujos idealizadores são Olga Costa e o próprio Everaldo Pontes, esteve com seus radares atentos para este fenômeno. Outro meio que os roqueiros têm para divulgar seu trabalho e idéias são os fanzines, revistas artesanais editadas e distribuídas por fãs para fãs, dos aficionados George e Wallace, que têm uma pequena participação no vídeo.

Tão Sentido Um Cheiro de Queimado?, não pretendeu abranger todas as bandas, e nem poderia, pois de tempos em tempos novos grupos vão surgindo, enquanto outros se dissolvem.

Em Tão Sentido..., Olga Costa e seu colaborador na sessão heavy do Jardim Elétrico, Williard, apresentam uma por uma das sete bandas, enquanto o som

delas vai rolando com performances registradas em garagens (Bertrand Lira fez a câmera e Everaldo Pontes o som direto) e em apresentações ao vivo durante o II Buraco Suburbano que reuniu bandas punk da Capital, Natal e Campina Grande. Hoje estes grupos se apresentarão para mostrar que a Paraíba não é somente a terra do forró. O talento também circula em outros gêneros musicais. inclusive o rock. Além do Nudoc, que o produziu, o vídeo tem também apoio da Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

Tão Sentido Um Cheiro de Queimado?, mostra não só a proliferação do punk e heavy metal na terra do forró, mas sobretudo o talento de dois jovens que enveredaram logo cedo pelos caminhos do cinema. Vale conhecer um pouco da vida de cada um deles.

Bertrand Lira é jornalista, cineasta, editor da Rádio Universitária FM e divulgador do Cine Banguê, do Espaço Cultural. Já realizou os seguintes filmes: Beba Coca, Bebe Cola, co-dirigido com Torquato Joel. Filme em Super-8 que satiriza a invasão cultural e a alienação no Brasil. Cenas de ficção se alternam com as favelas de João Pessoa. Perequetê, 20 minutos. Documentário sobre o ator Francisco Marto, realizado durante estágio de cinema no Nudoc. L'Energie Alternative à la Campagne, 15 minutos, Super-8, durante estágio de cinema na Association Varan de Paris, em 1982. Des Couchons, des Souris et des Hommes, com Torquato Joel e Marcos Villar. 16 minutos. Estágio de aperfeiçoamento.

Na Universidade Federal da Paraíba, Bertrand desenvolveu um programa sobre cinema durante dois anos, chamado Trilha Sonora, na Rádio Universitária FM.

Everaldo Pontes, por sua vez, é produtor, coordenador de programação da Rádio Universitária FM, criador do programa sobre rock, o Jardim Elétrico. É também ator e diretor de teatro e atualmente integra o elenco da mais nova produção do Grupo Eclipse Explícito, ou seja, Os Anjos de Augusto.



Everaldo e Bertrand gravaram 35 minutos de rock



Este trabalho faz um passeio pela cena musical paraibana dos anos 80 apresentando, da forma mais ampla possível, uma compilação de bandas, discos e *demotapes*, produzidas pelos músicos do estado. O objetivo é contar a história de cada banda através de textos e fotografias, descrever o roteiro criado pelas bandas para fazer as apresentações e documentar as formas de comunicação utilizadas para a divulgação das idéias.

Por outro lado, procuramos complementar este álbum de retalhos com uma análise crítica do objeto de estudo, contextualizando-o dentro dos acontecimentos sócio-político-cultural-econômico da época, visando mostrar a sua importância e as razões da sua grande influência até para além dos limites do *rock*.